

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDIGENAS – FIEI

Camila Alves vieira

**Impactos da monocultura do eucalipto sobre o ambiente no Território
Barra Velha na visão do povo Pataxó**

BELO HORIZONTE – MG

2019

Camila Alves Vieira

**Impactos da monocultura do eucalipto no Território Barra velha sobre o ambiente
na visão do povo pataxó**

Percurso apresentado para a conclusão da
Licenciatura em Ciências da Vida e da
Natureza, da Formação Intercultural de
Educadores Indígenas da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de
Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ângelo
Coutinho

Coorientadora: Natália Almeida Ribeiro

BELO HORIZONTE – MG

2019

Agradecimento aos anciões (velhos)

Agradeço primeiramente ao meu Deus por ter dado a mim inspiração e coragem para desenvolver esse trabalho, por ter me levantado em todos os momentos desse processo de pesquisa e guiado todos os meus passos cuidando de tudo nos mínimos detalhes.

Não seria possível começar os meus agradecimentos sem mencionar a luta dos velhos me refiro aos anciões como velhos porque na tradição Pataxó ser velho não é sinônimo de vergonha, mas sim de respeito, pois carregam consigo um livro vivo de histórias e vivencias que poucas pessoas têm o privilégio de ter, são verdadeiros guardiões da ancestralidade indígena. Ser velho é ser sábio.

Aqueles que já se foram, os que ainda estão na caminhada e aos jovens anciões que estão começando na luta, meus sinceros agradecimentos por terem lutado direta ou indiretamente sempre por um território reconhecido e demarcado, porque como aprendi com vocês sem um território demarcado não seria possível lutar por escola e assim ter uma educação diferenciada dentro do território, lutar por saúde e ter um posto que atendesse os indígenas, plantar uma roça de mandioca e consequentemente ter uma farinha deixando claro que o território é e sempre será a base para tudo que nos indígenas precisamos, e sem a luta de vocês não seria possível à entrada de indígenas nas universidades do Brasil tão pouco a realização desse trabalho no meio acadêmico. Por tanto gostaria de mencionar alguns nomes em especial ao velho Tururim Pataxó (voou para o mundo dos encantados), Alfredo Braz (voou para o mundo dos encantados), karuxu (pajé) pataxó, Domingas Pataxó, Galdino Pataxó hãhãe (voou para o mundo dos encantados), José Ferreira Pataxó, Maria Coruja Pataxó, Arawe Pataxó, Braga Pataxó, Surui Pataxó, Joel Pataxó, Palmiro Pataxó, Nereu Pataxó, kanatyó Pataxó, João Graciano Pataxó, Julio Pataxó, Zabelê Pataxó (voou para o mundo dos encantados), Romildo Pataxó, Antonio Braz Pataxó, Jabuticaba Pataxó, Luiz capitão Pataxó (voou para o mundo dos encantados), Manoel Maximo Pataxó, Josefa pataxó (voou para o mundo dos encantados), jaçanã Pataxó (pajé da Aldeia Velha), Adalicio (voou para o mundo dos encantados).

Agradecimentos à família FAE UFMG

Sem dúvidas na FAE-UFMG construir uma grande família que sempre levarei em meu coração com muito apreço e carinho. Agradeço a todo corpo docente que compõe o FIEI- formação intercultural para educadores indígenas, em especial a coordenadora do fiei Marina de Lima Tavares por todo carinho e dedicação em todo decorrer dessa caminhada, ao coordenador na turma CVN- ciências da vida e da natureza, Célio Silveira Junior por ter dedicado seu tempo a nós dando todo suporte que precisávamos sem medir esforços, ficou claro em seus gestos e palavras que trabalhou com nós com muito amor e isso não tem preço e nem dinheiro que pague eternamente grata por tudo. Menciono também as bolsistas do fiei Rebeca Andrade e Natalia Almeida com quem tivemos os primeiros contatos ao chegar ao fiei, Rebeca pela meiguice e gentileza no olhar e nas palavras, em especial a Natalia minha coorientadora pelas palavras firmes, por ter despertado em mim o senso crítico com suas palavras cheias de empoderamento gostaria de te agradecer com as mais sinceras palavras por ter me acompanhado em todo processo de pesquisa e assim ter dado a mim a oportunidade de te conhecer e ver que você é uma mulher forte e que me inspirou a mostrar sempre o meu eu interior, talvez não tenha te falado oralmente estas palavras, mas com certeza não conseguiria dizer uma palavra porque as lágrimas falaria antes que pudesse dizer qualquer coisa, e assim também acredito ter dado a você a oportunidade de conhecer a mim e ao meu povo através da minha pesquisa, e sem deixar de agradecer ao meu orientador Francisco Ângelo Coutinho pelo privilegio de ter me orientado nessa pesquisa, por toda disponibilidade e paciência em todos os momentos que precisei. Menciono também todos os componentes do colegiado que sempre estão a frente das lutas contra todos os retrocessos vividos do atual governo para nos manter no curso, obrigada pelas palavras de incentivo, por puxar as nossas orelhas nos momentos necessários; Guiu Pataxó, Everaldo Pataxó, Adalto Pataxó, Baiara Pataxó, Valdemar Xakriabá, etc.

Aos professores e bolsistas do FIEI que passaram pela CVN; Marcos Bortolus, Kátia Pedroso, Pedro Rocha, Maria Gorete Neto, Juarez Valadares, Shirley Miranda, Célio Silveira Junior, welliton (mandala), Erica Drumont, Adriano, josilei, Elidéa Bernardino, Áquila Bruno, Natalia Almeida, Rebeca Andrade, Pierre Fonseca, Luz Alba, Iracema Carvalho, Marina de Lima Tavares, Luciana silva, etc.

Aos meus colegas e amigos que fiz durante esse período; As amigas-irmãs Graziane Andrade, karini Ferreira e Vislandes Vieira que nos primeiros momentos na capital me

deram todo suporte emocional obrigada pelas brincadeiras, bagunças, gargalhadas, broncas e ate mesmo tristezas compartilhadas que fizeram de mim uma pessoa mais forte e independente para superar a saída de cada uma de vocês anos após e por fim fiquei eu sem vocês na FAE deixando apenas saudades, mas quando a saudade batia tinha um lugar especial que me acomodava e a saudade era amenizada, o jardim mandala. Deixo um agradecimento especial a Claudio Torres por todo apoio e companherismo durante essa jornada. Menciono também os colegas Pataxó; Tânia, Raíres e filha kitehé, Werymehe, Marli, Wagner o sol da cvn, Gilzimar, Carol, xorró, Txywã, Jeivaldo, Ademario, Estefânia, Franciane, Uik, Ester, Lucas. Em especial a minha querida amiga Vânia Meira por todos os momentos vividos ao seu lado, ouvindo pacientemente meus desabafos e me dando conselhos você é uma pessoa de luz que transmite muita paz e eu sei que não foi por acaso que você entrou na minha vida, veio com a missão de ser um anjo não só na minha, mas também na vida de todas as pessoas que te cercam.

Aos colegas Pataxó hãhãe; Reginaldo o rei da cvn, Sara, Nilda, Lucas, wendeuslelei, Nara, Dani e Erlon(in memória)

Aos colegas xakriabá; Zezinha e filha Maria luz, Laura, Maria da Paixão, Erick, Luciano, José Aparecido, Laurisaura, Ednéia, Janaine, Genilson, Beatriz, Mailson e Lindaura. E ao colega Guarani; Alessandro.

Dedicatória

Minha entrada na universidade é a realização de um grande sonho não só meu, mas principalmente dos meus pais que não tiveram a mesma oportunidade que eu e não medem esforços para que meus anseios e sonhos se concretizem, por isso esse trabalho é dedicado aos meus pais; Nereu Braz Vieira e a Maria d´Ajuda Graciano Alves que se estende ao meu avô João Graciano Alves, aos meus irmãos Jussimar Vieira, Tatiana Vieira, Uelzo Vieira, aos meus sobrinhos Anawêri Santana, Araweri Santana, Ukitxauí Vieira, Juliana Santana, Atxuhi Pataxó e ao caçulo da família Wendel de Jesus Vieira. A família é o elo entre pessoas que se amam e eu a amo demais e que o meu trabalho e esforços para concretizar esse sonho possa inspirar principalmente aos meus sobrinhos a seguir sempre o caminho do conhecimento, pois o conhecimento adquirido no meio acadêmico ou no decorrer da vida são as únicas coisas que ninguém pode tirar de nós.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido na comunidade indígena de Barra Velha, localizada no município de Porto Seguro, extremo sul da Bahia, visando mostrar os impactos ambientais causados pelo plantio desenfreado do eucalipto em terra indígena. Esta inquietação surgiu quando observei, ao passar pela estrada do território, o predomínio da cor do eucalipto sobre o verde natural. Após a minha entrada no curso FIEI da UFMG, quando tive a oportunidade de desenvolver essa pesquisa. Assim, o objetivo desse trabalho acadêmico é analisar os impactos da monocultura de eucalipto no território Barra Velha na visão do povo Pataxó com ênfase para a aldeia Barra Velha fazendo uma reflexão dos danos causados aos indígenas de nossas comunidades. Para isso os métodos usados para realização desse trabalho foram pesquisas na internet, além de artigos científicos, livros, documentários. Também foram feitas cinco entrevistas: uma liderança da aldeia Barra Velha, uma jovem da aldeia Gurita, uma professora da aldeia Craveiro e conversas informais com meus pais. Este trabalho me permitiu observar que a plantação de eucalipto em larga escala pode causar a desertificação do solo, escassez dos recursos hídricos, poluição dos rios, lagos, nascentes e doenças nas pessoas devido à grande quantidade de agrotóxicos que é jogado nas plantações para eliminar pragas. O sentimento que fica ao terminar esse trabalho é de satisfação, porque consegui entender a relação da plantação de eucalipto com o meio ambiente, e com isso ajudar o meu povo.

Listas de siglas

ABRASCO: Associação brasileira de saúde coletiva

ABRAF: Associação brasileira de produtores de florestas plantadas

BNDES: Banco nacional de desenvolvimento econômico e social

CEPLAC: Comissão executiva do plano da lavoura cacaeira

CEPEDES: Centro de pesquisa em direito e segurança

CRA: Centros de recursos ambientais

CIMI: Conselho indigenista missionário

CO₂: Gás carbônico

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EUA: Estados Unidos da America

FIEI: Formação intercultural para educadores indígenas

GAMBA: Grupo ambientalista da Bahia

IBÁ: Indústria brasileira de árvores

IBGE: Instituto brasileiro de geografia e estatística

IFBA: Instituto federal da Bahia

IBAMA: – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

MPF: Ministério público federal

PIB: Produto interno bruto

PNMP: Parque Nacional do Monte Pascoal

RESEX: Reserva extrativista

TI: Território indígena

UFMG: Universidade federal de Minas Gerais

UFBA: Universidade federal da Bahia

SUMÁRIO

Sumário

1. Introdução	9
1.1. Aspecto histórico	13
1.2. Objetivos.....	15
2. Metodologia	16
2.1. Perfil dos entrevistados	17
3. Apresentação do eucalipto	20
3.1. Introdução do eucalipto no Brasil.....	20
3.2. Introdução do eucalipto na Bahia	22
3.2.1. ALDEIA BARRA VELHA.....	25
4. BREVE HISTORICO DA VERACEL NA BAHIA.....	35
Considerações finais.....	70
Referências	73

1. Introdução

Eu, Camila Alves Vieira, indígena Pataxó, moro na aldeia Barra Velha, considerada Aldeia mãe, localizada no município de Porto Seguro extremo Sul da Bahia.

Vou contar o porquê a Aldeia Barra Velha é considerada aldeia mãe. No ano de 1951 o território Barra Velha ainda não era demarcado e nossas lideranças reivindicavam a demarcação desse território e frequentemente viajavam para o Rio de Janeiro, Salvador e Brasília cobrando das autoridades esse direito. Numa dessas viagens, de volta a Aldeia, vieram na companhia de dois homens brancos que diziam serem engenheiros e iriam demarcar as terras.

Os Pataxó são um povo muito receptivo e acolheram aqueles homens com muita boa vontade, já que eles supostamente eram a esperança de um território demarcado. Porém os homens com más intenções iludiram e incentivaram o indígena a saquear a mercearia de um senhor chamado Teodomiro, amarraram e o jogaram na praia e roubaram toda mercadoria. Algumas pessoas viram o que tinha acontecido e informaram o ocorrido a polícia de Prado e Porto Seguro através do único meio de comunicação, um telégrafo que ficava no centro da aldeia. No dia seguinte, os policiais já chegaram atirando sem qualquer chance de diálogo, os policiais de Prado trocaram tiros com os Policiais de Porto Seguro pensando que eram os índios que estavam atacando. Quando perceberam que não eram os índios, os policiais juntaram suas forças e acabaram matando muitas crianças, jovens, anciões e assim se deu início a uma guerra porque os Policiais usaram do seu poder de arma de fogo para espancar os homens, maltratar os mais velhos como fizeram com o velho Julio, um ancião que eles arrancaram o couro de sua cabeça e fizeram comer. Como se isso não bastasse, fizeram ele correr 6 km com uma cangalha de jegue nas costas e sendo chicoteado, estupraram as mulheres. Por isso, caro leitor, quando algum não indígena chegar para você e disser: “Eu sou descendente de índio minha avó era índia e foi pega por cachorros na mata porque era muito arisca”, proporcione a ele um momento de reflexão e diga que ele é fruto de um estupro e isso não é motivo de alegria nem de engrandecimento. Pelo contrário é motivo de grande vergonha para uma sociedade que sequer conhece sua verdadeira história.

Os indígenas que não foram pegos fugiram para as matas para se esconder do horror e muitos deles sequer voltaram a aldeia; de lá mesmo foram embora para outras

partes do território e formaram outras aldeias circunvizinhas, outros foram embora para outros estados como Minas Gerais e Espírito Santo.

Os indígenas que não abriram mão de sair da aldeia foram voltando aos poucos e repovoando a aldeia Barra Velha e hoje estamos com 8.627 hectares e ainda está em processo de homologação para aproximadamente 52.627 hectares de terra. Por isso, hoje a aldeia Barra Velha é considerada mãe de todas aldeias circunvizinhas porque foi a partir dela que surgiram as outras aldeias Pataxó.

Quando estava cursando o ensino médio sempre estava participando de alguma atividade escolar e cultural dentro e fora da aldeia como feira de ciências, conferências jogos indígenas etc. Em conversas com meus familiares, parentes e lideranças percebi que havia uma preocupação por parte do povo Pataxó em relação a plantação de eucalipto em nosso território ainda não demarcado. Isso tudo me fazia pensar muito, como poderia contribuir com meu povo?

Gosto muito das questões que envolvem o meio ambiente e isso acabou despertando em mim uma provocação interna que antecedeu o trabalho devido a minha preocupação com a natureza. Sempre me incomodou quando de passagem verificava a plantação de eucalipto desenfreado na região e ao fundo uma fumaça de fogo que devorava aos poucos as matas e isso causava em mim uma intensa reflexão: como isso está prejudicando as aldeias, os rios, os animais que ainda restam? E aquela inquietação dentro de mim ficava cada vez mais forte e foi nesse momento que surgiu o desejo de fazer algo, como uma voz que se levantasse em meio a plantação de eucalipto, em meados de 2012 eu, uma menina muito sonhadora e com desejos de salvar o mundo, queria muito tentar uma vaga na área de engenharia ambiental. Acabou que em 2014 logo após terminar o ensino médio caí de paraquedas num curso técnico de biocombustível no instituto federal da Bahia (IFBA), em Porto Seguro. Falo que caí de paraquedas no bendito curso porque sempre fui uma pessoa muito ansiosa e antes de terminar o ensino médio queria continuar estudando; não queria parar de jeito nenhum e ficava pensando “oh meu Deus o que farei da minha vida quando esse ciclo se encerrar?”. Faltando uns dois meses para me formar no ensino médio, um dos meus professores que sempre acreditou no potencial da turma inscreveu eu e alguns colegas em cursos nos institutos federais de Eunápolis e Porto Seguro, em menos de 1 mês que tinha me formado saiu o resultado que tinha conseguido uma vaga no curso técnico de Biocombustível e lá fui eu.

Nessa turma havia eu e outra indígena de coroa vermelha e o restante da turma era composto por não indígenas e estar naquela turma me possibilitou um crescimento muito grande como pessoa porque foi ali que tive o primeiro contato com a indiferença, falta de sensibilidade e o preconceito. Era como se eu estivesse em um mundo totalmente diferente do que sempre tive contato já que sempre estudei em escola indígena. Ali foi meu primeiro contato com escola não indígena, tinham aqueles colegas que me olhavam torto ou com curiosidade, alguns chegavam e perguntavam outros preferiam julgar; é aquele pensamento retrógrado de achar que indígenas recebem dinheiro do governo ou que eu podia tudo porque era indígena e isso me incomodava porque falavam em tom de deboche. Três meses depois eu abandonei o curso, não por falta de incentivo verbal, nem porque me intimidei com o jeito ignorante de alguns colegas, mas porque durante os três meses não houve apoio financeiro do instituto e os meus pais que são trabalhadores autônomos – meu pai é pescador e minha mãe é artesã – e não havia estabilidade financeira para estarem garantindo minha permanência no curso. Fiquei triste com minha desistência, mas gostaria de ressaltar a importância que minha mãe teve em todo esse processo, pois foi ela quem sempre me apoiou em todas minhas decisões. Pensei que não teria o apoio dela nem do pai ao comunicar que eu estava pensando em voltar para casa, era com minha mãe que eu chorava no telefone dizendo eu não queria desistir e ela me acalmava dizendo que ela estaria comigo em qualquer decisão que eu tomasse e eu dizia “mas o que as pessoas vão dizer? Que eu não sou capaz” e ela com tanto amor me dizia que não importava o que iam dizer porque quem sabia da minha história era eu e só eu sabia o tanto que lutei para continuar e na vida tudo é aprendizado e nenhuma perda ou desistência significa o fim, mas pode ser o começo de um novo ciclo. Era uma mistura de sentimentos que causava uma inquietação e medo dentro de mim, porque eu sempre tive o pensamento como indígena que a partir do momento que você sai do meio do seu povo leva consigo a responsabilidade do coletivo, você está representando um povo e isso causava em mim medo de decepcionar aqueles que acreditavam em mim, mas enfrentei os meus medos. Além do mais o medo estava constantemente dentro de mim porque quando eu dei a notícia que eu tinha passado num curso técnico no IFBA recebi muitas negativas, lembro que estava muito feliz e queria falar para todo mundo que eu tinha conseguido e ao invés de uma palavra de incentivo cheguei a ouvir coisas que nunca imaginei de pessoas tão próximas como, “só quero ver até quando você vai aguentar” e não foi isso que eu esperava ouvir ou quando informei que voltaria para a aldeia ouvi frases do tipo

“O que você vai conseguir voltando para a aldeia? vai é casar e ter vários filhos” não vejo mal algum casar e ter filhos. Mas Infelizmente parte da sociedade como um todo, até o próprio indígena olha para o outro indígena como incapaz pior ainda se você for mulher indígena.

Logo que retornei para a aldeia foi lançado em Porto seguro um projeto intitulado “avante juventude Pataxó” patrocinado pelo instituto mãe terra e a Petrobras que tinha por objetivo a formação e qualificação de 300 jovens indígenas da etnia Pataxó do território de identidade do extremo sul da Bahia. Iniciei no curso como ouvinte porque todas as vagas já estavam preenchidas. Logo depois alguns desistiram e eu preenchi a vaga. O curso teve a duração de quase um ano, todos os finais de semana. Quando estava no cursinho fiz o vestibular da UFMG por incentivo da minha família e o anseio de continuar estudando, foi a primeira vez que fiz o vestibular e consegui ser aprovada e ironicamente me deparei mais uma vez com frases do tipo; “Tem pessoas na aldeia que merece mais que você ter passado nesse curso”. Poderia muito bem ter escrito aqui só as coisas boas que aconteceram em todos esses processos, mas achei importante enfatizar os desafios que uma mulher indígena enfrenta todos os dias mesmo nas conquistas importantes. E a mensagem que deixo é que independente de todas as suas conquistas vão ter sempre aqueles que vão fazer questão de te criticar e apontar sempre o lado negativo, mesmo que suas conquistas sejam para o bem de todos. Mas é importante você usar até as coisas negativas e críticas a seu favor mesmo que pareça impossível não dê ouvidos e siga sempre em frente porque como eu já disse o único que conhece sua história é você e sabe que merece todas as conquistas.

Então com minha entrada na universidade e com a liberdade que o curso nos dá para transitar nas diversas áreas do conhecimento, decidi por esse tema e assim me tornar uma voz que se levantasse em defesa da natureza e dos povos e aldeias adjacentes que sofrem e poderão sofrer ainda mais com os impactos desta exploração desenfreada do chamado “deserto verde” gerado pela monocultura de eucalipto.

Neste trabalho vou fazer uma comparação dos aspectos históricos que houve entre o passado e o presente, dar voz ao meu povo, há muitos estudos e divulgação da mídia que fala muito rapidamente sobre os problemas enfrentados pelos indígenas gerados pela monocultura de eucalipto, mas não encontrei nenhum trabalho produzido por um indígena que vive no território, portanto minha monografia é uma forma de denunciar (expor) esses impactos. Por muitas vezes fomos calados e esta é uma forma de sermos ouvidos e vistos através do olhar indígena.

1.1. Aspecto histórico

A colonização do Brasil está intimamente ligada a “invasão” da região do extremo Sul da Bahia, haja vista a chegada dos colonizadores portugueses por volta de 1.500 em Porto Seguro (Costa do descobrimento). Os povos originários que aqui habitavam viviam de forma simples e ao mesmo tempo rica em recursos naturais. A natureza dava tudo que o dinheiro ainda na época desconhecido não davam até mesmo porque não havia o hábito de venda, mas sim de troca, não havia ganância tudo que a natureza lhes dava era suficiente. Entre a diversidade de etnias que havia naquela época estava o povo Pataxó que era um povo nômade, não tinham morada fixa, viviam na região do extremo sul da Bahia, eram livres como tudo que há na natureza, carregavam em seu instinto a bravura de um povo guerreiro que sempre lutou por sua sobrevivência, nas matas caçavam seus alimentos, coletavam frutas, os rios e o mar lhes ofereciam os peixes e o marisco, é tanto que o povo Pataxó sempre estava em caminhada para o litoral nos períodos de lua cheia para apreciarem não só as belezas das noites de luar, mas também para saborear dos sabores que o mar e o mangue oferecem ao redor de uma majestosa fogueira. Uma das suas características era a de serem mestres em arco e flecha e isso os tornaram temidos por outros povos.

Como eles viviam de um lado para outro por serem nômades acabava causando certa intervenção ao meio ambiente em que eles viviam as matas não eram completamente puras, pois onde há presença humana ou de animais o solo e o que compõe o ambiente como um todo é ligeiramente alterado, como por exemplo, sementes de frutas que eram deixadas por onde eles em solos diferentes das que tinham colhido animais que andavam de um lado para outro também causava intervenção, dada essa informação é possível compreender o porquê tem árvores e plantas que são nativas de uma região e são facilmente encontradas em outros ambientes, é o caso também dos sambaquis que são encontrados aos montes em todo território Pataxó.

As sementes, frutas e até mesmo as necessidades fisiológicas deixadas no solo iam se decompondo com o tempo, não era um impacto que causava mudança radical como, por exemplo, produtos químicos jogados nos monocultivos de eucalipto que consequentemente contaminam o solo e os rios. É importante pontuar as intervenções causadas por esses grupos, porque se não fossem esses vestígios não seria possível

provar que essas regiões foram habitadas por populações indígenas e não haveria conquistas importantes como as demarcações de terras indígenas e com isso também faz-se uma rápida reflexão que se todo impacto causado no ambiente fosse como a que os primeiros indígenas deixaram, não haveria mudanças tão destrutivas ou negativas no ambiente.

- Tirando a casca dura de certos frutos de palmeira e deixando a semente cair no chão, por exemplo- Passam a afetar a composição de espécies dos lugares por onde passam, "plantando" indiretamente as tais palmeiras por ali. Finalmente, gostaria de lembrar ao insigne leitor que os povos da floresta também gostam de comer comida fresquinha e fazem coco quanto eu e você. Resultado: composição química do solo ligeiramente alterada pela presença do carvão de fogueiras e por visitas a parte traseira das moitas.

*Há cada vez mais indícios de que coisas como essa acontecia em toda bacia do Amazonas e adjacências, seja por obra e graça de um número infindável de pequenos bandos de caçadores, seja pela ação de gente mais numerosa e sedentária. Um fruto "sem trocadilhos" desse processo talvez se encontre na cozinha da sua casa neste exato momento. É consenso entre os especialistas que a ampla da castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*) pela região norte do Brasil e pelos países vizinhos não é natural, mas deriva da ação humana, mesmo que, na maioria dos casos, ninguém plante diretamente a árvore, que pode chegar aos quinhentos anos e mesmo aos mil na de vida (o que significa que a distribuição da espécie ainda reflete, ao menos parcialmente, a situação antes da chegada dos portugueses).*

Trecho extraído do livro, 1499 O Brasil ante de Cabral/Reinaldo Jose Lopes (capítulo 3, pag.90)

Mas com a chegada dos portugueses invadindo uma terra de pertencimento aos nativos, trouxe mudanças significativas de tal maneira que modificou em vários aspectos o modo de vida, a cultura e a relação com a natureza, conforme abordaremos neste trabalho. Os invasores quando aqui chegaram não faziam ideia da tamanha dimensão do Brasil nem das riquezas, mas o pouco que vira já era suficiente para o enriquecimento da coroa portuguesa. Para facilitar a exportação da matéria prima para outros países foram construídos portos para o desembarque de pessoas que vieram especialmente para explorar as riquezas e principalmente para o envio de Pau Brasil outras madeiras nobres e pedras preciosas como diamante e ouro. Esse tipo de exploração se perdurou por décadas até a independência do Brasil e continua até hoje, mas a exploração é velada, onde os órgãos competentes fecham os olhos e fazem vista grossa. Essa exploração sem controle veio conseqüentemente causando danos ao ambiente e as pessoas tudo em nome do progresso econômico do país colonizador.

A exploração do Brasil historicamente começou pela área da costa do descobrimento com o desembarque das caravanas portuguesas lideradas por Pedro Álvares Cabral em 1500. O principal impacto que houve foi contra a vida, antes da invasão dos colonizadores o número de indígenas que aqui habitavam passava de mais

de um milhão de pessoas, com a chegada dos invasores este número diminuiu consideravelmente devido ao extermínio de milhares de indígenas, os fatores que levaram esse número diminuir foram às doenças trazidas pelos invasores como; malária, febre amarela entre outras, os indígenas não tinham imunidade contra tais doenças mesmo assim resistiram e lutaram para não serem civilizados como diziam os proprietários de terras da época, muitos por se negarem a ser escravizados e viverem sob ordem, foi negado o direito de ir e vir, portanto os meios de sobrevivência que eram a caça, a pesca e a colheita de frutas ficaram escassas, fazendo com que os povos vivessem escondidos pelas matas à procura de meios de sobrevivência.

Afirma, também, que há muitos índios não civilizados em São Mateus, entre eles os Pataxós, Cumanachos, Maxacalis e Botocudos, e que há conflitos entre eles e os colonos, por conta da abundância de madeiras de alta qualidade da região.

Ao visitar uma fazenda em Itaúnas, Maximiliano narra uma das estratégias dos fazendeiros no sentido de proteger suas terras contra possíveis ataques, a de trazer índios para o entorno, na tentativa de civiliza-los, e utilizá-los, na defesa contra os assim ditos selvagens.

(trecho extraído da dissertação de mestrado de Christina Rostworowskida Costa, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwed e sua viagem ao Brasil (1815-1817))

1.2. Objetivos

Objetivo geral

Este trabalho tem por objetivo analisar os impactos da monocultura do eucalipto no Território Barra Velha na visão do povo Pataxó.

Objetivos específicos

- Refletir sobre os males do dito progresso a qualquer preço.
- Identificar a partir da visão do povo pataxó, as consequências da monocultura de eucalipto sobre as condições de vida das futuras gerações.
- Levantar dados que indiquem os malefícios do plantio de eucalipto.
- Identificar os problemas causados pela exploração do eucalipto.

2. Metodologia

Os meios de pesquisa que usei foram levantamento de textos, entrevistas, artigos científicos, internet, noticiários, site da Veracel; filmes (documentário deserto verde). Esses foram processos que de certa forma eu estava mais familiarizada, porque é algo que eu gosto de fazer, foi a união do útil ao agradável navegar na internet para pesquisar algo que era do meu total interesse e que ao final eu teria o resultado em mãos. O início da pesquisa tive uma surpresa muito agradável foi a descoberta de um documentário intitulado “Desertos verdes: plantações de eucalipto, agrotóxicos e água” com a participação de Joel Braz uma importante liderança do povo Pataxó na luta pela terra, lideranças da TI Cahy Pequi. E assim por diante fui encontrando artigos, pesquisas, noticiários e deu para montar minha pesquisa.

Realizei também 5 entrevistas com Tânia Pataxó e Dandara Pataxó através de e-mails porque a minha ida até a aldeia delas se tornou inviável devido a vários fatores por isso optamos por mediar as entrevistas através deste meio de comunicação e pessoalmente fiz entrevista com Sharlys Pataxó, Nereu Braz e Maria D’Ajuda Graciano sendo que com essas duas últimas pessoas não foram necessariamente entrevistas mas conversas, a escolha foi mais informal porque meu pai e minha mãe (os dois últimos nomes) sempre relatam sobre a infância de quando andavam nessa região de Monte Pascoal, Barra Velha e no centro da mata a pé e daí surgiu à ideia de gravar alguma conversa e escrever nos momentos em que ele tivesse tendo uma conversa sobre o assunto e citei trechos no meu trabalho que não gravei nem escrevi apenas guardei na memória e conforme construía a pesquisa fui lembrando e relatando.

Elaborei algumas perguntas diferentes e outras iguais para cada pessoa para que as dúvidas que foram surgindo durante a elaboração do trabalho fossem respondidas dentro do possível:

- Qual sua opinião em relação a plantação de eucalipto em terras indígenas? Nas que não são demarcadas?
- A região que você mora é direta ou indiretamente atingida pela plantação de eucalipto? Se é diretamente atingida, houve alguma consulta a vocês como morador e liderança para a Veracel explorar a região?
- Qual sua opinião sobre os diversos conflitos gerados nas comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e outras devido a monocultura de eucalipto?

- Há algum projeto por parte da Veracel com sua aldeia? Como você vê a mudança da fauna e flora na nossa região?
- Como voluntaria da RESEX você sabe dizer se houve algum impacto nas espécies marinhas que esteja ligado a monocultura de eucalipto?
- Houve mudança na quantidade (nível) de água dos rios, lagos, poços depois da plantação de eucalipto? Se sim, você acha que foi devido a plantação de eucalipto?
- Houve alguma consulta a vocês como liderança para a Veracel começar a explorar a região ao entorno onde você mora?
- Qual a sua visão em relação a plantação de eucalipto em nossa região?
- Quais projetos vêm pra escola ou para a aldeia através da Veracel?

2.1. Perfil dos entrevistados

A escolha de cada pessoa foi feita com muito carinho porque vi em cada uma um potencial muito grande como contribuinte para elaboração desse percurso.

Figura 1: Primeiro entrevistado.



Sharlys Bonfim Braz, 26 anos, reside na aldeia Barra Velha, Porto Seguro/BA, é uma liderança jovem que com pouca idade já é vice- cacique, vice-diretor da escola indígena de Barra Velha, ex-aluno do fiei formado em ciências da vida e da natureza, casado e pai. Escolhi-o para ser um dos meus primeiros entrevistados pela disponibilidade de agenda porque conseguir marcar uma entrevista com quem está sempre engajado na luta é complicado.

Figura 2: Segunda entrevistada.



Tânia Pataxó, moradora da aldeia Craveiro, formada em pedagogia é uma mulher indígena muito engajada nas lutas, atualmente é liderança e estudante do FIEI/UFMG no curso de ciências da vida e natureza.

Figura 3: Terceira entrevistada.



Dandara Fernanda Pataxó, 23 anos, reside na aldeia Gurita TI Cumuruxatiba é estudante de fisioterapia na UFBA de Salvador e voluntaria na UC RESEX Corumbabu. não a conheço pessoalmente, mas a acompanho pelas redes sociais e foi através disso que comecei acompanhar seu trabalho como liderança jovens a considero como uma ativista indígena a escolhi por ser uma das entrevistadas mais jovens da minha pesquisa e por sua ligação visível com o meio ambiente e de certa forma eu me vi nela.

“Faço trabalho voluntário na UC (Unidade de Conservação) da Resex Corumbau, fui selecionada pelo programa de Voluntariado do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade). Cuidar e preservar o meio ambiente sempre foi uma preocupação que tive, foi então que surgiu a oportunidade a partir deste programa, de compartilhar e desenvolver minhas ideias de atividades de conscientização com os demais. Daí pensei por que não usar a EDUCAÇÃO AMBIENTAL como minha aliada na construção de ações. Usei o amor que tenho pela minha comunidade e a importância de Cuidar do meio ambiente de onde usufruímos como principal causa de me empoderar

diante dos desafios relacionados ao nosso local. Sendo assim, uso a educação como instrumento de conservação e preservação do meio ambiente e tem funcionado”.
(Dandara Fernanda Pataxó)

Figura 4: Quarto entrevistado.



Nereu Braz Vieira, 60 anos, nascido e criado dentro de Barra Velha, pescador artesanal a 50 anos considerado como um dos pescadores mais velhos da aldeia. Teve participação importante junto aos engenheiros que vieram fazer a demarcação das terras de Barra Velha tendo que atravessar rios nadando para colocar locais de difícil acesso dentro dos limites da TI Barra Velha.

Figura 5: Quinta entrevistada.



Maria D´Ajuda Graciano Alves, 53 anos, reside na aldeia Barra Velha, Porto Seguro/BA, é dona de casa e artesã de mão cheia com habilidades surpreendentes na Arte de criar.

3. Apresentação do eucalipto

O nome eucalipto é derivado do grego: eu (=bem) e kalito(=cobrir) que se refere a sua estrutura globular arredondada do seu fruto, pertence a família mirtácea originário da Austrália onde cobre 90% da área do país , Tasmânia e outras ilhas da Oceania, uma planta exótica com aproximadamente 3.000 espécies divididas em 2 subfamílias, Myrtoideae e Leptospermoideae, tendo como seus principais centros de dispersão a América e a Austrália, de espécies reconhecidas botanicamente. Sendo plantado em mais de 100 países tendo importância significativa na economia. Está classificada em:

Reino: *Plantae*

Divisão: *Magnoliophyta*

Classe: *Magnoliopsida*

Ordem: *Myrtales*

Família: *Myrtaceae*

Subfamília: *Leptospermoidae*

Subfamília: *Myrtoidea*

Entre as particularidades dessa planta exótica estão suas folhas, que quando jovem tem folhas opostas e arredondadas. Após um ou dois anos de crescimento a maioria passa a apresentar folhas alternadas, de lanceoladas a falciformes e estreitas (DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS-ESALQ/USP)

3.1. Introdução do eucalipto no Brasil

Quando se fala sobre a introdução do eucalipto no Brasil, há controvérsias: teria sido no Rio de Janeiro, em 1825 no jardim Botânico, 1855, ou 1865; no Rio Grande do Sul, em 1868, ou no interior de São Paulo entre 1861 e 1863 (FOELKEL, 2005).

Segundo o grande estudioso do assunto chamado, Edmundo Navarro de Andrade, considerado o pai da eucaliptocultura no Brasil, as primeiras mudas foram trazidas por ele em 1903 pela demanda que havia por parte das locomotivas da companhia Paulista de estradas de ferro por madeira, nas quais eram utilizadas para construir casas nas vilas, cercas, postes de energia elétrica, queimadas para produzir energia nas locomotivas, carvão e para decoração. Assim ano após ano a plantação de eucalipto em larga escala em todo interior de São Paulo foi se expandindo e consequentemente migrou para outros estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Nos anos 1990 e 2000 o Brasil se torna então

referência mundial na eucaliptocultura, isso se deve as condições climáticas e solo favoráveis, da tecnologia desenvolvida pelas empresas.

Em decorrência dessas condições encontradas no Brasil a produtividade aqui se torna superior à de países como Austrália (MORAES, 2008).

O Brasil é conhecido mundialmente por seu clima tropical, sendo divididos por: tropical, equatorial, semiárido, tropical de altitude, tropical atlântico e subtropical favorecendo de forma positiva para plantios de eucalipto em larga escala.

Figura 6: Divisão dos climas do Brasil.

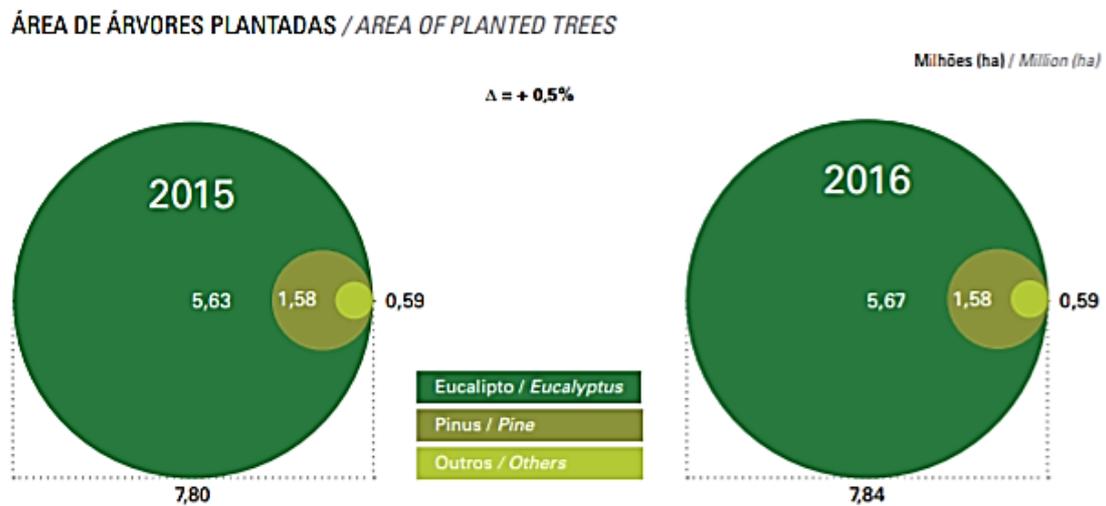


FONTE: Blog Geografia para professores

Disponível em: <<https://geografiaparaprofessores.wordpress.com/2014/09/26/estrategias-para-relacionar-clima-e-vegetacao-nas-aulas/>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

O gênero *Eucalyptus* encontrou em terras brasileiras condições tão boas que hoje sua ocupação está cada vez mais em evidência, ocupando áreas expressivas no país, se destacando cada vez mais em concorrência com outros países se tornando o líder na produção e exportação de celulose, se tornando referência mundial. A área total de árvores plantadas no Brasil totalizou 7,84 milhões de hectares em 2016, crescimento de 0,5% em relação ao ano de 2015, devido exclusivamente ao aumento das áreas com eucalipto. As áreas com pinus e outros gêneros permaneceram inalteradas no período.

Figura 7: Aumento de áreas de eucaliptos plantados entre 2015 e 2016.



Fonte: IBA_RelatorioAnual2017.pdf

O setor brasileiro de árvores plantadas é responsável por mais de 90% de toda a madeira produzida para fins industriais e 6,1% do PIB Industrial no País e, também, é um dos segmentos com maior potencial de contribuição para a construção de uma economia verde.

Diante de tantos aspectos positivos que o Brasil oferece, segundo o IBA (indústria de árvore plantada) hoje o Brasil é o segundo maior produtor de celulose do mundo produzindo 19,5 milhões de toneladas sendo que 33% fica no Brasil e 67% é exclusivamente para exportação. (IBA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES 2018)

3.2. Introdução do eucalipto na Bahia

A Bahia é um dos estados com riqueza natural ímpar, considerado o berço do Brasil com diversidade de fauna e flora e não podemos falar da Bahia sem deixar de mencionar o parque nacional Monte Pascoal que para o povo Pataxó é sagrado e de histórica importância.

O Monte Pascoal, nosso Pé de Pedra, é terra indígena, baliza de nossa história, salão de nossas festas, altar e memória de nossos antepassados. Terra que representa o canto do paió, sossego da onça pintada, o som do sabiá, otinir da araponga, a sombra do jequitibá e tantas outras formas de vida da Mata Atlântica que queremos preservar, como sempre fizemos. (PROFESSORES INDÍGENAS: POVO PATAXÓ: RAIZES E VIVÊNCIAS DO POVO PATAXÓ NAS ESCOLAS. SALVADOR: MEC/FBDE/SEC/SUDEB, 2005 .capitulo 1. pag, 19).

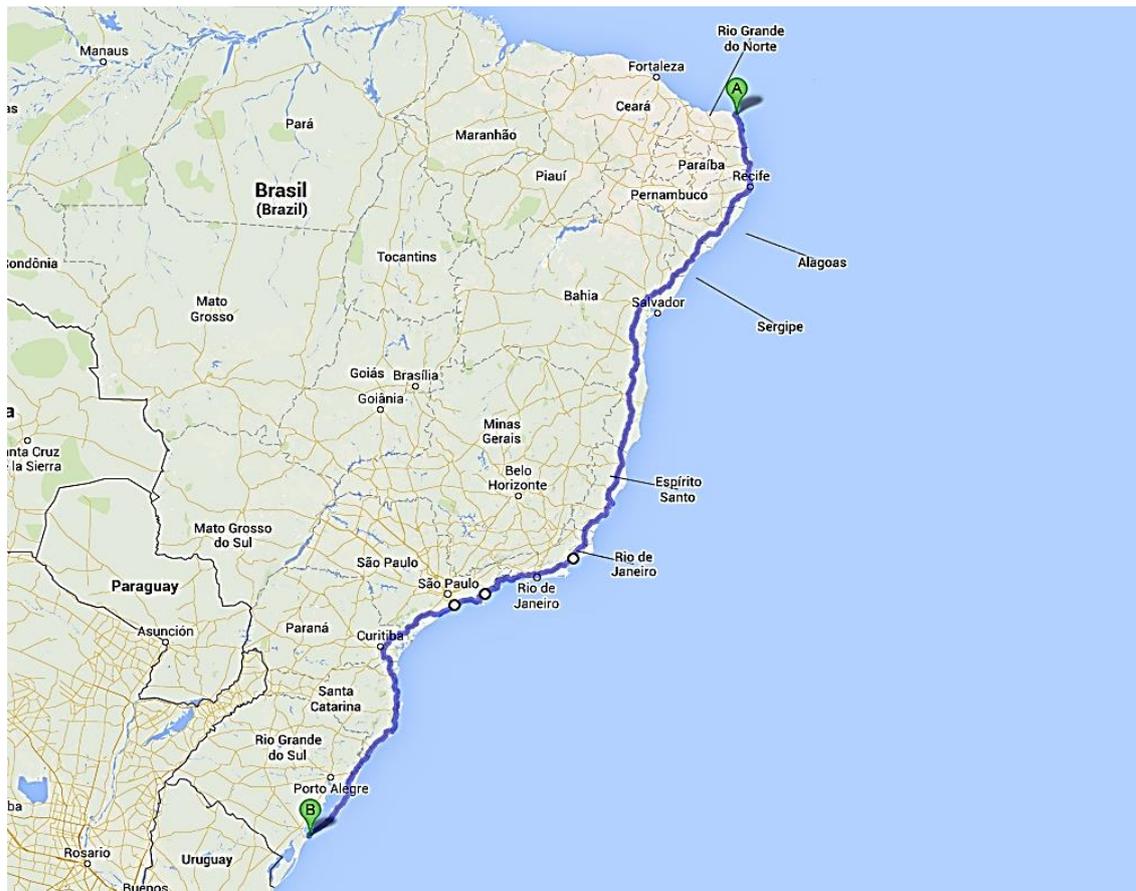
Alguns fatores favoreceram o interesse das multinacionais no extremo sul da Bahia, como as condições férteis das terras da região para proliferação da monocultura de eucalipto devido a sua edafoclimática, que significa suas características definidas através de fatores do meio ambiente, como, clima, relevo, litológica, temperatura, umidade do ar, radiação, tipo de solo, vento, composição atmosférica e a precipitação pluvial. Outros fatores como, mão de obra barata, apoio financeiro do governo. Tais fatores favoreceram de forma positiva para a plantação em larga escala de eucalipto.

Na década de 90, a Bahia se tornou cada vez mais em evidência com a valorização das terras devido aos investimentos e instalação da empresa Veracel no município de Eunapolis. A construção da BR 101 teve grande influência na valorização das terras baianas por facilitar a logística e o escoamento de madeiras nobres atendendo aos interesses de possíveis compradores de madeiras nobres e a construção de grandes empresas.

A rodovia é denominada de translitoranea por atravessar o país de norte a sul considerada espinha dorsal do Brasil, tendo início na cidade de Touro, no Rio Grande do Norte, passando por estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e termina na cidade de São José do Norte, no Rio Grande do Sul.

Antes de visualizar a figura a baixo, cabe uma importante ilustração, no saber dos anciões do povo Pataxó diziam de uma forma lúdica “que as futuras gerações iriam ver a cobra grande que iria destruir o mundo”. Assim o traçar da BR 101 que representa o progresso, do ponto de vista dos brancos, lembra o rastro de uma cobra que corta o litoral. Todavia este progresso é destruição, desmatamento, poluição, morte.

Figura 8: Mapa com ênfase para a BR 101, considerada espinha dorsal do Brasil.



Fonte: <http://estradas-br.blogspot.com/2014/01/br-101-rodovia-translitoranea.html>

Com acréscimo de 36.80 hectares em 2017 a Bahia assumiu o quarto lugar no setor nacional, mas em área de plantio de eucalipto a Bahia está em terceiro lugar com 659.480 hectares ficando atrás apenas de São Paulo e Minas Gerais, isso significa 14% da área plantada no Brasil.(CARITAS BRASILEIRA, 9 JANEI.2008).

O que me levou a curiosidade em saber como o cultivo de eucalipto ocorre em outros países do mundo, mais especificamente qual seria a vantagem competitiva em relação ao cultivo no Brasil comparado ao resto do mundo. Foi aí que constatei a seguinte situação: Em outros países de clima frio, como Inglaterra, Portugal, o tempo médio para maturação do eucalipto é de 15 a 20 anos, no Brasil a maioria das empresas trabalha com ciclo de 6 a 7 anos para a maturação de celulose. Uma vantagem bastante considerável do ponto de vista da produção e da lucratividade.

Desta forma, é possível verificar que o Brasil oferece uma produtividade infinitamente superior ao resto do mundo. Como se isso, por si só não fosse suficiente, o cultivo no Brasil tem ainda outras vantagens como as já acima mencionadas.

Na rota após o povoado de Monte Pascoal e Pequi, a aproximadamente 15 km de Barra Velha, podemos observar um exemplo claro de uma colheita grande de madeiras de eucalipto que foi plantada a menos de 7 (sete) anos e que foi colhido entre os meses e fevereiro e março de 2019. Possivelmente, foram plantadas entre os anos de 2014 a 2015. Isso são fatores que evidenciam porque a Bahia é fértil para tal monocultura.

Figura 9: retirada de eucalipto após 6 anos da plantação no extremo sul da Bahia.



FONTE: Arquivo pessoal da autora.

3.2.1. ALDEIA BARRA VELHA

Conforme mostra o mapa a baixo o povo pataxó da aldeia Barra Velha está situado entre os vilarejos turísticos de Caraíva e Corumbau, ao oeste da Aldeia está o rio Corumbau e ao leste o rio Caraíva, estando também a aproximadamente 15 km de um local chamado Pequi onde começa a monocultura de eucalipto e se estende até o povoado de Monte Pascoal.

Segundo dados coletados no Inventário Pataxó (2011) a Aldeia foi constituída em 1861, por meio do governo da província da Bahia.

Figura 10: Aldeias Pataxó do sul da Bahia.



Fonte: <http://museudoindiorj.blogspot.com/2014/05/blog-pataxo-divulga-acoes-de.html>

Hoje o povo Pataxó vive em uma área de 8.627 hectares que abrange as principais aldeias Barra velha, Boca da mata e Meio da mata. Aldeia Barra Velha tem um total de mais de 300 famílias com aproximadamente três mil pessoas que vivem da pesca, artesanato e agricultura.

Durante o século XIX, os indígenas que habitavam a região do extremo sul da Bahia sofreram diversos ataques, como já foi dito acima. O povo Pataxó era um povo livre que vivia percorrendo o território em busca do que a natureza oferecia, porém os proprietários de terras da época entendiam que os indígenas eram uma ameaça a paz e

um empecilho para explorarem áreas com mata nativa, eram chamado de “índios dos sertões ou índio selváticos”. De acordo com dados do *inventario Pataxó*, os Pataxó, Botocudos, Tupiniquins, Menian e Maxacali foram obrigados a serem aldeados no rio Corumbau e a aldeia Barra Velha ficou localizada na proximidade da barra do rio Corumbau.

“Os proprietários de terras da região aproveitaram o momento da criação do novo aldeamento para a liberação de terras que eram ocupadas também pelos índios mansos que habitavam as vilas criadas no século XVIII. Um movimento para expulsar os “índios de verdade” eclodiu nas vilas de Alcobaça, Viçosa, Belmonte, Porto Alegre, Trancoso e Verde, exigindo que essas povoações fossem habitadas apenas por brancos, mestiços e negros, sendo os indígenas também transferidos para o aldeamento do rio Corumbau. Desta forma, muitos índios de origem Tupiniquim, Menian, Maxacali e Botocudo, que estavam vivendo nos termos dessas vilas, foram obrigados a se deslocarem para a nova aldeia, fazendo que sua origem comportasse vários grupos indígenas” (INVENTARIO CULTURAL PATAXÓ)

Disponível em:

<http://www.mukamukaupataxo.art.br/IMG/pdf/Inventario_Cultural_Pataxo.pdf> (pg. 36)

Vale ressaltar que em meio a tantos conflitos o nome da aldeia mudou para Bom Jardim e depois voltou a ser Barra Velha como afirma as pesquisadoras do povo Pataxó. O que causa perplexidade é o fato que um padre católico que sugeriu essa troca de nome e ainda mais os latifundiários se aproveitaram da delimitação do território de forma que o povo Pataxó fixou-se na Barra do rio Corumbau próximo do litoral e afastado das florestas. O que sem duvida teve grande impacto sobre a forma de vida originária do povo Pataxó.

“De acordo com as muitas histórias contadas pelo povo Pataxó, o nome da aldeia sempre foi Barra Velha, mas, há muitos anos chegou aqui um padre chamado Maximiliano e pediu que os indígenas mudassem o nome da aldeia para Bom Jardim". Este nome idealizado pelo padre foi proposto por motivo de que a aldeia era cercada por pés de jasmims. Então ele dizia para os mais novos da aldeia que o nome deveria ser Bom Jardim. Porém, o nome não ficou por muito tempo. Os mais velhos vendo essa situação começaram a afirmar que o verdadeiro nome da aldeia era Barra Velha e não deveria mudar. Por isso, a aldeia sempre foi Barra Velha”. (TCC docentes: Maria Tatiana Oliveira e Vanúsia Bonfim) .

Depois disso os indígenas sofreram diversos ataques como o fogo de 1951, além de outras adversidades que se colocam diariamente contra o Povo Pataxó. A luta pela ampliação do território persiste até os dias atuais onde se identificam 16 (dezesesseis) aldeias e uma área territorial reivindicada de aproximadamente 52.627 hectares

compreendidos entre os municípios de Porto Seguro, Prado e Itamaraju. O crescimento da população indígena Pataxó e suas demandas demonstram cada vez mais a necessidade dessa ampliação do território que antes já pertencia ao Povo Pataxó.

3.3. PRÓ-EUCALIPTO

O eucalipto ao longo dos anos foi implantado no Brasil como promessa de um negócio muito lucrativo tendo em vista que no eucalipto nada se perde, é utilizado desde a folha de onde é extraído os óleos para produtos de limpeza, alimentos, perfumes, remédios. A madeira é utilizada para sarrafos, lambris, viga, postes, varas, esteios, mastros, tabuas além de ser alternativa de geração de energia renovável ao petróleo e ao gás natural. Assim visando o crescimento econômico, qualidade de vida para a população brasileira e vantagens para o meio ambiente o eucalipto se expandiu por quase todos estados brasileiros. Hoje o Brasil está entre um dos maiores produtores de celulose, papel e painéis de madeira no mundo colaborando para geração de empregos e crescimento econômico nacional e mundial.

A expansão do eucalipto no Brasil de acordo com levantamentos do IBGE (instituto brasileiro de geografia e estatística) divulgado em 2018, em 2017 o Brasil atingiu cerca de 9,85 milhões de hectares de florestas plantados sendo que, 75,2 % de eucalipto e 20,6% de pinus. O líder entre os estados é o Paraná, com R\$ 3, 7 bilhões de valor de produção, seguido por Minas Gerais. Com R\$ 3,3 bilhões, e Santa Catarina, com 1,8 bilhão. Dos 14,8 bilhões gerados pelas florestas plantadas em 2017, 5,1 bilhões correspondem a produção de madeira destinada a indústria de papel e celulose. (AGÊNCIA BRASIL. SETEMBRO DE 2018).

Em virtude deste crescimento do eucalipto pelos estados brasileiros a economia também veio a crescer, em 2001 o PIB florestal nacional atingiu \$21 bilhões e as exportações, \$4 milhões, com a geração de 2 milhões de empregos diretos e indiretos. (IBÁ INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES, RELATÓRIO DE 2017)

Segundo informações da agência Embrapa de informações alguns especialistas apontam que o setor contribui com: 5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro; e 8% das exportações, apresentando o terceiro melhor superávit comercial em 1999, mesmo sendo o setor que ficou em quarto lugar entre os que mais importaram. Em 2009, foram exportados US\$ 81,9 milhões, e importados US\$ 50,5 milhões. Além de gerar 3,9 milhões de empregos, sendo 535 mil diretos, 1,26 milhões indiretos e 2,16 milhões gerados pelo chamado efeito-renda (emprego criado pela ação direta e indireta do nível

de renda gerado), contribui com R\$ 8,15 bilhões em impostos para o setor público brasileiro (0,75% do total). Também em 2009 a área total de eucalipto e pinus plantados no Brasil atingiu 6.310.450 há, apresentando um crescimento de 2,5% em relação ao total de 2008, considerado modesto tendo em vista o crescimento médio anual de 5,5 % no período de 2005 a 2008. (AGEITEC/ AGÊNCIA EMBRAPA DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA).

Figura 10:



Fonte: ABRAF e STCP, 2010.

Segundo informações do (IBA) indústria brasileira de arvores o Brasil hoje apresenta uma área de 7,84% do chamado reflorestamento sendo responsável por 91% de toda madeira para fins industriais e 6,2% do PIB industrial do Brasil, sendo também uma aposta com maior potencial de contribuição para a construção de uma economia verde. .

O Brasil movimentou em 2017 mais de 68 bilhões, gerando cerca de 530 empregos diretos, utilizando uma área de 7 milhões de hectares. (IBÁ INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES, RELATÓRIO DE 2017)

Com os efeitos positivos das florestas plantadas e os números na economia crescendo gradativamente, o Brasil é referência mundial pela inovação de florestas plantadas, competitividade devido às condições favoráveis do meio ambiente e sustentabilidade.

As empresas estão investindo em peso nesse segmento visando não só o presente, mas em longo prazo, o intuito é que futuramente com os avanços tecnológicos

e estudos científicos seja usado 100% da produção de eucalipto expandindo seus usos para indústrias automobilísticas, farmacêuticas, química, cosméticas, aeronáutica, têxtil e alimentícia.

Na zona rural, os investimentos estão sendo cada vez maiores, o setor florestal contribui para geração de empregos principalmente no entorno onde são feitas a monocultura contribuindo assim para a diminuição do êxodo rural. O que demonstra uma solução para um problema crescente na sociedade que é a superpopulação urbana e suas condições cada vez mais precárias de vida.

Uma das maiores demandas dos últimos anos é a forte procura por madeiras nos diversos seguimentos da indústria, e o eucalipto contribui para desafogar a procura por madeiras nobres e que estão em extinção e outras nem existem mais, assim os produtores fornecem madeiras que são aceitas para determinados fins industriais que antes eram atendidos pelas madeiras nativas, são vantagens que levam os produtores a cultivar eucalipto porque acaba diminuindo a pressão sobre as matas nativas, traz boa imagem ao negócio que contribui para preservação da biodiversidade nativa do Brasil. Hoje esse modelo de florestas plantadas é chamado de sustentável, pois ele funciona em ciclos que de 6 a 7 anos, após o plantio, quando já podem ser cortadas e após esse corte o tronco brota mais duas vezes em um ciclo que dura 15 anos.

Por ter um crescimento acelerado o eucalipto contribui para absorção do gás carbônico (CO₂) presentes na atmosfera também conhecido como dióxido de carbono. O carbono contido na atmosfera é absorvido pelas folhas e acumulado na madeira e conseqüentemente aumenta o de matéria orgânica no solo contribuindo assim para sua nutrição.

Um dos fatores que contribui para a expansão saudável do eucalipto e os números cada vez maiores na economia são o uso de agrotóxicos nas plantações de eucalipto, o que permite que cresçam saudáveis e livres de pragas que posam atrasar os ciclos de crescimento. As aplicações de agrotóxico nos cultivos de eucalipto são feitas nessas situações, no controle de plantas daninhas, durante a fase inicial, quando há ataques de pragas ou doenças.

A grande inimiga dos cultivos de eucalipto são as saúvas cortadeiras e para combatê-las são usados os formicidas em forma de: iscas granuladas, líquidos termonebulizáveis e pós-secos.

Os herbicidas aplicados para o controle de plantas daninhas são de pré-emergência como: Oxyfluorfen, Oryzalin, Diphenamid, Dichlobenil, Linuron, Atazina.

Esses são aplicados antes do cultivo para eliminar plantas que possam sufocar as mudas de eucalipto. De um modo geral, esses herbicidas podem ser aplicados sobre a muda, pois normalmente não têm boa absorção foliar, e, além disso, são de translocação predominantemente apoplástica

Pós-emergência: Glyphosate, Paraquat, Fluazifop-butil, Setoxydim, Alloxidim-sódio, Fenaxapropetil. Os herbicidas Glyphosate e Paraquat não são selevitos quando aplicados sobre a muda. Portanto, a seletividade é conseguida com aplicação realizadas em pré-plantio sobre a comunidade infestante, ou então, por aplicações dirigidas. Os outros herbicidas de aplicação em pós-emergência são seletivos às mudas, todavia controlam somente gramíneas anuais e perenes, conforme o produto. O uso isolado dessas moléculas se justifica quando a infestação principal é de gramíneas.

Para todas as aplicações são tomadas todas as medidas de segurança seguindo todas as leis ambientais, e com a Veracel não é diferente a empresa se preocupa sobretudo com a segurança nas aplicações de agrotóxico seguindo todas as normas ambientais e padrões internacionais de segurança.

A Veracel é uma empresa altamente comprometida com a questão da água seguindo todas as normas exigidas pelos órgãos responsáveis principalmente com as águas do rio Jequitinhonha que tem um tratamento especial por parte da empresa que depende desse rio para manter o padrão de celulose produzido, a água utilizada é devolvida devidamente tratada para o rio.

Essa situação histórica do Jequitinhonha acirra a preocupação com a preservação do rio. Ciente disso e em consonância com seus princípios e valores, a Veracel busca utilizar a água de forma mais racional possível, devolvendo-a ao rio tratada e dentro dos parâmetros de lançamento definidos pela legislação e ratificados pelas licenças de operação emitidas pelo Inema, órgão de controle ambiental do governo do Estado da Bahia. Para se ter ideia do rigor do nosso trabalho, captamos a água num ponto que fica a cerca de 800 metros a jusante (após) do ponto onde lançamos o efluente devidamente tratado. Somos uma das poucas empresas que utilizam essa prática no Brasil e no mundo. O tratamento dos efluentes na Veracel, devidamente monitorados em três pontos distintos, garante o lançamento da água, no Rio Jequitinhonha, com qualidade superior aos padrões exigidos pela legislação brasileira e abaixo dos valores de referência internacionais adotados para as melhores tecnologias de produção de celulose. (RELATÓRIO SUSTENTABILIDADE VERACEL CELULOSE 2012)

Um dos temores que ainda assombra a sociedade e futuros investidores para esse ramo é o mito de que o eucalipto seca o solo o tornando infértil. Segundo algumas pesquisas isso é um grande equívoco, pois desde que o eucalipto seja plantado da forma correta não vai causar nenhum dano ao solo e aos lençóis freáticos. Isso porque suas raízes não são profundas. O fato das pessoas acharem que o eucalipto seca o solo está diretamente ligada a falta de planejamento de alguns produtores na década de 60 e 70 quando não se tinha tantas pesquisas relacionadas ao cultivo dessa árvore exótica.

Segundo pesquisas, o consumo de água pelo eucalipto é relativamente menor ou igual à de árvores nativas pelo fato de que a copa do eucalipto retém menos água, quando a chuva cai, a água escoar pelo tronco da árvore e o solo suga para os lençóis freáticos, enquanto nas florestas nativas as folhagens das árvores retém a maior parte da água por conta das copas serem muito amplas e acaba evaporando para a atmosfera e nem chega ao solo. O eucalipto consome mais água é no período das chuvas quando o nível de água no solo é elevado o suficiente para suprir os mananciais hídricos, o eucalipto pode chegar a 20 a 60 de altura as raízes do eucalipto não ultrapassam 2 metros e meio de profundidade sendo assim não consegue chegar aos lençóis freáticos. (PAINEL FLORESTAL, publicado em 10 de julho de 2010 por Drumbratera).

Esse consumo de água, entretanto, não significa que o eucalipto, necessariamente, seca o solo da região onde se insere ou, tampouco, impacta, negativamente, os lençóis freáticos. Isso porque o ressecamento do solo em florestas de eucalipto depende não somente do consumo de água pelas plantas, mas também da precipitação pluviométrica da região de cultivo. Davidson (1993), entre outros estudos, aponta que, somente em áreas de precipitação pluviométrica inferior a 400 mm/ano, o eucalipto pode acarretar ressecamento do solo – ao utilizar as reservas de água nele contidas (podendo, nesse caso, prejudicar também o crescimento de outras espécies – fruto da denominada “alelopatia”¹³). Em regiões de maior volume pluviométrico, portanto, as plantações de eucalipto, por receberem mais água do que aquilo que consomem, não levariam ao ressecamento do solo. (REVISTA DO BNDES, RIO DE JANEIRO, V.14, N.235-276, DEZ.2007).

Figura 11:

Diferentes tipos florestais

	Amazônia	Mata Atlântica	Plantio de Eucalipto
Consumo de água (mm/ano)	1.500	1.200	900 a 1.200

(CL FLORESTAS, CENTRO DE INTELIGÊNCIA EM FLORESTAS, PUBLICADO EM 23 DE JANEIRO DE 2013)

Sendo assim, é necessário um bom planejamento a partir o conhecimento das leis ambientais para se iniciar a cultura do eucalipto em qualquer área. O Código Florestal em seu artigo 4º (Lei 12.651/12) estabeleceu que são consideradas de preservação permanente as Florestas e demais formas naturais de vegetação.

Ao longo dos rios ou qualquer curso d'água, desde o leito regular em faixa marginal, cuja largura mínima será:

Largura do rio (metros)	Largura da APP (metros)*
Menos que 10	30
Entre 10 e 50	50
Entre 50 e 200	100
Entre 200 e 600	200
Acima de 600	500

* largura mínima, em cada margem e em projeção horizontal (segundo dispõe a Resolução CONAMA 303/02, a APP inicia-se no limite do “leito maior sazonal” ou cota de máxima inundação nas cheias ordinárias).

- Ao redor das lagoas, lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais;
- Nas nascentes, ainda que intermitentes, e nos chamados “olhos d'água”, qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio mínimo de 50 metros;
- No terço superior (topo) de morros, montes, montanhas e serras;
- Nas encostas ou partes destas, com declividade superior a 45 graus;
- Nas restingas, para a fixação de dunas e estabilização de mangues;
- Nas bordas dos tabuleiros e chapadas, em faixas nunca inferiores a 100 metros, em projeção horizontal;
- Em altitude superior a 1.800 metros. (AGEITEC: AGÊNCIA EMBRAPA DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA)

- Segundo os dados acima as áreas próximas as margens dos rios e nascentes são áreas delimitadas como APP (Área de Preservação Permanente). As empresas de monocultura de eucalipto seguem essa norma do CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente) preservando as margens dos rios e principalmente as nascentes. Assim dizem respeitar a legislação ambiental e produzir o eucalipto dentro das melhores práticas ambientais.

Na questão do solo, ambientalistas simpatizantes do setor florestal afirmam que não há impactos sobre o solo, pelo contrário que o eucalipto só traz benefícios tendo poder de regeneração dessas áreas degradadas. Como é o caso de uma entrevista feita pelo painel florestal aonde afirma que o eucalipto só traz benefícios.

“...Vocês podem verificar aqui que todos falam que o eucalipto acaba com o solo, que o eucalipto também seca o solo, nós estamos aqui já esta num período de duas semanas sem chover como esta a estrutura desse solo nessas condições, vocês podem ver também a úmida que nos temos do solo, a macro e micro fauna... não só uma minhoca são varias minhocas no meio do eucalipto como vocês podem ver, a estrutura da raiz que esta vindo daquela arvore lá vindo pra cá. Quer dizer então que o eucalipto só trás benefícios para o meio ambiente”.

Pedro Francio Filho. Engenheiro Agrônomo. Entrevista extraída do painel florestal.

(PAINEL FLORESTAL, PUBLICADO EM 10 DE DEZEMBRO DE 2011)
<https://www.youtube.com/watch?v=-ptwbDfMmTo&t=106s>

O que se percebe de fato é que o plantio de eucalipto em áreas degradadas, com solos de baixa fertilidade e com erosões, geram impactos positivos. Ocorrendo uma fertilização do solo e contendo as erosões recuperando as áreas degradadas. Neste caso o eucalipto mostra-se uma solução para correção de problemas que aparentemente seriam bem mais difíceis de se resolver sem lançar mão dessa monocultura.

A Embrapa realizou uma pesquisa que colabora com as informações acima mencionadas. A área pesquisada foi antes ocupada por pastagens e nos últimos 42 anos vinha sendo cultivada com eucalipto. A pesquisa verificou a presença de espécies nativas no interior do plantio e, após o corte, testou a influência de diferentes tipos de manejo. Concluiu-se que a recomposição de vegetação nativa por meio da regeneração natural, sem utilização de insumos químicos, traz resultados satisfatórios. "Depois do corte do eucalipto, muitas espécies arbóreas ou arbustivas se desenvolveram naturalmente, sem manejo, contribuindo para a minimização de custos e favorecendo a

sustentabilidade ambiental, sem o lançamento de substâncias poluentes no ambiente", explica o pesquisador da Embrapa.

As informações geradas estão sendo úteis para a escolha da forma de manejo da flora nativa. "Os resultados preliminares nos animaram, indicando que nossas ações para a conservação da natureza vêm dando 'bons frutos'", elogiou Robson Laprovitera, gerente de Saúde, Segurança, Trabalho e Meio Ambiente da área florestal da International Paper. A propriedade foi monitorada em visitas e por meio da utilização de imagens de satélite e sistemas de informações geográficas (SIG), que possibilitaram a espacialização das áreas modificadas e forneceram subsídios para o planejamento ambiental. Nova parceria foi estabelecida com a Embrapa para dar continuidade às pesquisas. (EMBRAPA, PUBLICADO EM 28 DE OUTUBRO DE 2014) <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2202824/manejo-do-eucalipto-auxilia-a-regeneracao-de-florestas-nativas>

A pesquisa da Embrapa demonstrou que a monocultura teve forte impacto na recuperação da Fauna e Flora da área estudada. A observação sempre aponta para a possibilidade de se aplicar experiências de sucesso em outras áreas podendo ser uma espécie de modelo para recuperação de áreas degradadas, da Fauna e da Flora.

4. BREVE HISTÓRICO DA VERACEL NA BAHIA.

A veracel celulose está localizada no sul da Bahia, atuando nos municípios de Eunapolis, Canavieiras, Belmonte, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Mascote, Porto Seguro e Santa cruz Cabrália.

Com polo florestal em Eunapolis, abrigando uma grande equipe que trabalha no desenvolvimento, pesquisas, com um moderno cultivo de mudas com capacidade para produzir 24 milhões de mudas de eucalipto por ano.

A empresa Veracel celulose hoje é uma empresa conhecida mundialmente pelo forte poder econômico, teve seu início em 1991, na época então conhecida como Veracruz florestal, então subsidiária da Odebrecht, desde então começou a comprar terras na região, no mesmo ano foram plantadas as primeiras mudas de eucalipto.

Em 1996, a empresa obteve a licença ambiental para colocar em prática o projeto de construção da fábrica de celulose no município de Eunapolis-Ba.

Em 1997, a então Veracruz florestal subsidiária da Odebrecht se associa a empresa sueca, stora.

Em 1998, houve uma mudança de nome tornando-se a Veracel celulose S/A.

Em 1999, houve a fusão entre a stora (Suécia) com a enso (Finlândia), formando a stora enso.

A fábrica também conta com um terminal marítimo construído em 2001 localizado no município de Belmonte que fica a aproximadamente 60 km de Eunapolis, o terminal possui um armazém com capacidade para 40 mil toneladas de celulose com capacidade para ecoar 1,06 milhões de toneladas de celulose por ano.

Em 2002, a Odebrecht deixa de ter participação na veracel que passa compartilhar o controle da empresa com a Stora Enso e Aracruz Celulose.

Em 2003, deu-se início a construção da empresa que ficou pronta em 17 meses com investimento de R\$1,2 bilhões de reais, parte desse investimento foi financiada pelo (BNDS) Banco nacional de desenvolvimento econômico e social, pelo (EIB) European investment bank, e pelo (NIB) (nordic investment bank).

Figura12: Empresa Veracel situada no município de Eunapolis Bahia.



Fonte:<https://www.bahiadevalor.com.br/2016/08/veracel-investe-r-700-milhoes-em-sua-fabrica-de-eunapolis/>

Em 2005 a empresa começa efetivamente a funcionar, dando início as operações agroindustriais.

Em 2009, a Votorantim Celulose e Aracruz Celulose e papel se associam e formam a Fibria e a empresa passa a ser fruto da Parceria entre empresas líderes no setor de papel e celulose e em âmbito internacional: a brasileira Fibria e a Suecofinlandesa Stora Enso que compartilhando controle acionário, detendo, cada uma 50% das ações da empresa. (A VERACEL E SUA HISTÓRIA)

A Veracel trabalha com produção anual de 1,1 milhão de toneladas de celulose branqueada, 100% da celulose produzida pela empresa é exportada, tendo como maiores mercados os Estados Unidos e a Europa. 50% papeis sanitários como; papéis higiênicos, papéis toalhas, fraudas e lençóis. 35% para papéis de escrever e 15% para papéis especiais.

De acordo com o relatório de sustentabilidade 2017, publicado em 2018 a empresa tem uma área total de 190.336 ha, desta área 83.698 ha são de área plantada. Do total, 96.401 ha correspondem a área de preservação ambiental e 21.251 ha de plantio ao programa produtor florestal.(RELATÓRIO SUSTENTABILIDADE 2018)

Até então na época Veracruz Florestal não se instalou na região sem motivos, a Bahia é um estado privilegiado pela riqueza e colorido da biodiversidade com variedades de biomas que vai desde a caatinga até o clima tropical com diversidade de animais e plantas, solos férteis, abundância de recurso hídricos, próximo a via marítima e tendo o parque nacional do Monte Pascoal como grande protagonista da diversidade. Vira nesta região a oportunidade de explorar o território, algo que poderia dar muito lucro levando em consideração todos esses aspectos positivos favorecendo assim a expansão do deserto verde na região.

A Veracel tem um diálogo aberto com as comunidades indígenas mantendo-se transparente em todos os aspectos construindo um bom relacionamento, relacionamento esse fruto de longos anos, no início do empreendimento a Veracel admite que não sabia como lidar com as tribos indígenas Pataxó e Tupinambá.

Ao longo dos anos, a Veracel conseguiu estabelecer o diálogo e a manutenção contínua desse relacionamento. “Credibilidade e confiança se conquistaram com o tempo”, diz Renato Carneiro, diretor de Sustentabilidade e Relações Corporativas. Ele conta que no começo os índios enxergavam a empresa como um invasor no território, mas esse cenário foi mudando aos poucos quando a Veracel estruturou a forma de interagir com eles. “Fizemos um mapeamento das aldeias, identificamos os líderes de cada uma delas e começamos a dialogar, buscando uma relação íntegra e transparente e ética. No momento em que você cria essa identificação e eles percebem que a alta gestão está comprometida e aberta ao diálogo, essa situação muda”.

Na área onde a Veracel atua existem cerca de 25 mil índios que são reconhecidos ou se reconhecem como indígenas. São 29 aldeias pataxó e três aldeias tupinambá, duas comunidades bastante expressivas que demandam uma série de necessidades, como educação, serviços de saúde, assistência na

agricultura, entre outras, que nem sempre são atendidas pelo Estado. No últimos cinco anos, a Veracel investiu mais de R\$3 milhões em ações junto as comunidades indígenas. São investimentos direcionados para a reforma, melhorias e construção de escolas, bem como doação de computadores e material escolar (só em 219 foram doados 5 mil conjuntos de material escolar exigidos pelas escolas). (VERACEL, 17 ABRIL DE 219).

5. Problemas que esse empreendimento vem causando

A expressão do “deserto verde” está ligado a grandes áreas cobertas por um tipo de vegetação que foram introduzidas artificialmente, como é o caso do eucalipto que não é nativo do Brasil. Sendo que especialistas afirmam que nas florestas plantadas não seriam capazes de sustentar outras formas de vida, causar a deterioração do solo e esgotamento dos recursos hídricos.

No aspecto histórico, pode-se observar que o destaque vai para a primeira invasão que houve em terras brasileiras em 1500. Há uma infeliz coincidência entre o passado e o presente no que diz respeito à exploração das riquezas do Brasil, no passado o país colonizador chegou e roubaram uma das nossas principais riquezas, a madeira nativa Pau Brasil, que inclusive deu origem ao nome do Brasil, deixando um rastro de destruição histórica e séculos mais tarde os DESCENDENTES de colonizadores, protagonistas das explorações das riquezas, trazem mudas de uma árvore chamada eucalipto e ao poucos implantam a monocultura vinda principalmente de países como Portugal e Austrália com maiores extensões de eucalipto, isso é no mínimo irônico. As comunidades tradicionais que vivem nas regiões do extremo sul da Bahia são indígenas e quilombolas, e, também, há comunidades de trabalhadores sem terras, que vivem da pesca, agricultura e artesanato, relatam que depois da monocultura de eucalipto perderam a fauna e a flora, isso é algo que cabe uma intensa reflexão e fica uma pergunta, “será que não conseguiu nos matar com a primeira invasão em 1500 agora resolveram nos matar com a nova invasão velada denominada reflorestamento com eucalipto?”.

Conforme a monocultura do eucalipto cresceu no Brasil o desmatamento dessas áreas conseqüentemente também cresceu.

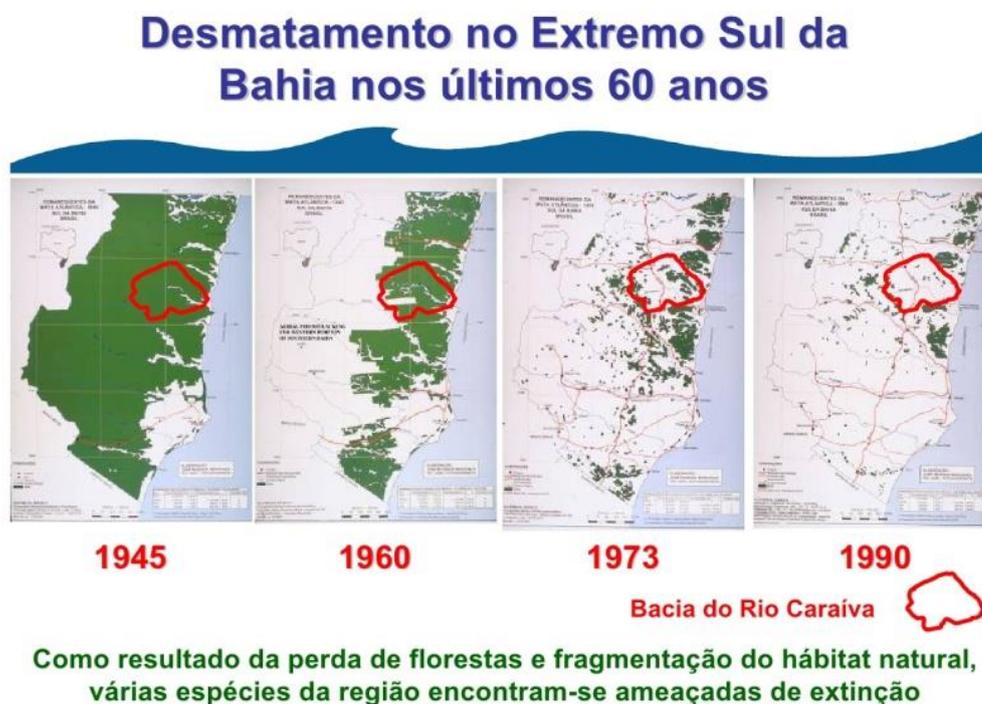
Primeiro nos anos 1960 e 1970 no Espírito Santo e mais tarde, nos anos 1980 na Bahia. O fator que contribuiu para o crescimento do desmatamento foram os investimentos feitos pelo BNDES (Banco nacional de desenvolvimento econômico e social) para impulsionar o crescimento da economia no país.

Essa era a época do chamado milagre econômico, o Brasil vivia a ditadura militar comandado pelo ditador Garrastazu Médici, general do exercito. (A MONOCULTURA DO EUCALITO NO BRASIL, RELATÓRIO DAS CONSEQUÊNCIAS SÓCIO-AMBIENTAIS, PUBLICADO EM MARÇO DE 2016)

A expansão da monocultura ocorria e exponencialmente o desmatamento das florestas nativas da região.

Em 1945, a bacia do rio Caraíva próximo a aldeia Barra Velha, mantinha grande parte da mata nativa, mas a diferença é perceptível nos 1990, conforme mostra o mapa abaixo.

Figura 13: Desmatamento no extremo sul da Bahia.



fonte: Instituto bioatlântica. São Paulo , 29 de março de 2011.

De acordo com estudo realizado pela organização da sociedade civil, SOS Mata Atlântica e o instituto de pesquisas espaciais (INPE), o desmatamento cresceu 60% em um ano, foram destruídos 291 km² de florestas entre 2015 e 2016, o maior desmatamento em 10 anos. No levantamento feito no mesmo ano, a Bahia liderou o ranking dos estados com maior desmatamento com decréscimo de 12.288 ha em relação ao ano anterior. Os municípios que lideraram o desmatamento foram Santa Cruz Cabrália e Belmonte com supressão de 3.058ha e 2.119 ha cada um. Já em Porto Seguro e Ilhéus foram destruídos 30% do bioma (SOS MATA ATLANTICA).

Como era de se esperar essas são cidades da Bahia onde se concentram entre outras atividades a monocultura do eucalipto e o polo da empresa Veracel, tornando assim um dos vilões responsáveis pelo desaparecimento das matas nativas.

Esse crescimento desordenado acabou desencadeando uma série de conflitos, seja por apropriação de terras, impactos ambientais, fome, desemprego.

Em conversas que tive com Nereu Braz Vieira e Maria D´Ajuda Graciano Alves eles contam que eram crianças e em andanças que faziam pelo território observavam mais precisamente entre Monte Pascoal e Limãoeiro que a exploração começou de forma rústica cortando as árvores com machados, motosserra por madeireiros. A família de Agenor que morava no Pequi tinha grandes lotes de terras e com a chegada das firmas eles acabaram vendendo e se mudando para as cidades mais próximas como Itabela, Itamaraju e Eunapolis. Assim, foram impondo sua presença na região e desmatando.

As madeiras eram levadas por caminhões “Eram caminhões e mais caminhões que saíam com toras de madeira” deixando um rastro de destruição, grandes extensões de campo que acabaram virando pastos para criação de gado e conseqüentemente os donos desses “desertos” influenciados pelo alto valor que as empresas pagavam acabavam vendendo ou cedendo a arrendamentos de suas terras para serem plantadas as mudas de eucalipto.

A região teve uma importante reação que foi a criação do Parque nacional do Monte Pascoal. Entretanto, infelizmente não mudou muita coisa com relação a forma que a biodiversidade dessa área é tratada por invasores que se intitulam donos dessas terras e o desmatamento para a introdução da monocultura continuou.

“Após a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, parte do território ancestral do Povo Pataxó ficou sob “proteção” da União. “Proteção” essa que se resumia em privar os Pataxó do usufruto de seu território tradicional, pois

madeireiros continuaram explorando a mata atlântica e fazendeiros represando água dos rios para abastecimento da criação de gado e irrigação de plantações.”

(TCC docente Iraia Pataxó)

<http://www.biblio.fae.ufmg.br/webbiblio/monografias/2017/TCC-IRAIA.pdf>

A luta pela Terra na região sempre foi acirrada e custou até mesmo vidas de indígenas que lideraram a luta pela preservação e retomada. Naquela época foi constatado que fazendeiros contratavam homens armados para expulsar os indígenas e essas questões de terra até os dias de hoje provocam períodos de bastante hostilidade entre posseiros, indígenas, fazendeiros. Na década de 70, várias famílias indígenas foram expulsas pela antiga empresa de exploração madeireira Brasil-Holanda da área que faz parte do território tradicional do povo Pataxó. O que confirma essa constante usurpação sofrida por nosso povo.

Destacam-se, por fim, os 2 (dois) casos envolvendo as empresas produtoras de celulose, Veracel e Aracruz.

Na Bahia, a Veracel tem mais de 1000 hectares de plantações de eucaliptos dentro das terras reivindicadas pelos Pataxó de Barra Velha. O intenso consumo de água desta espécie de árvore provoca escassez de água nos riachos da região. Também diminuiu a disponibilidade de animais nas áreas onde os indígenas caçam. Fonte: Relatorio-violencia-contra-povos-indigenas_2008-Cimi.pdf

O desmatamento desenfreado com objetivo de expandir a monocultura garantindo matéria prima para a produção de papel e celulose tem levado a Veracel a diretamente e indiretamente agir para um aumento no desaparecimento das matas nativas.

O impacto causado é tão terrível que quem não vendeu as terras para empresa arrendou para a produção da monocultura. O impacto na comunidade indígena é ainda mais nefasto, visto que, a identidade do Povo Pataxó é diretamente ligada à Terra, as matas nativas e as fontes de água essenciais a sua sobrevivência. Toda sua história é ligada ao território e se confundem a Terra e a existência de um não pode persistir sem o outro.

A terra é um bem e a herança de valor inestimável que os ancestrais deixaram para os indígenas é lutar por ela, é a única forma de garantir a existência e resistência dos povos originários e diante de tantos retrocessos vividos décadas após décadas o povo Pataxó nunca cansou de lutar.

“No final de 2013 nós Pataxó começamos a voltar a fazer ocupações para expulsar parte da empresa e também dos proprietários de dentro dos limites da área que a gente está requerendo”

Joel Pataxó. Entrevista extraída do documentário: Deserto verde plantações de eucalipto agrotóxico e água.

Hoje o povo Pataxó vive em uma área de 8.627 ha que abrange as principais aldeias; Aldeia Barra Velha, Boca da Mata e Meio da Mata. Porém, esta é uma área que não corresponde ao território tradicionalmente ocupado pelo povo Pataxó que reivindica uma área de aproximadamente 52.627 ha que já foi reconhecida pelo estado brasileiro como área pertencente aos Pataxós. Mas o governo não expediu a portaria declaratória. Assim, dentro da área que aguarda a portaria declaratória estão aldeias adjacentes as principais aldeias que citei anteriormente, como as aldeias Gurita, Nova Esperança, Craveiro, Guaxuma, etc. Onde vivem um drama diário com as empresas plantadoras de eucalipto e os fazendeiros que arrendam terras para o plantio dessa monocultura que insistem em avançar sobre áreas que estão sendo reivindicadas como terra indígena. Nestas circunstâncias, não é difícil encontrar relatos de indígenas que vivem essa luta constante para barrar este problema e reafirmar sua cultura, tradições, na identidade com a Terra.

É o caso relatado pela moradora da Aldeia Gurita, que fica ao oeste de Barra Velha e que faz parte do território Chay Pequi-Cumuruxatiba, mas que está dentro (TI) território Barra Velha.

(...) causam diversos impactos e conflitos como: A desapropriação de terras de quem vive nessas áreas, pois muitas empresas se dizem “Donas das terras”, famílias acabam sendo obrigadas a saírem de suas terras e indo para área urbana. É um total desrespeito e afronta com a cultura e tradição das comunidades tradicionais pertencentes a esse território, pois: Diminui nossa biodiversidade, degrada o ambiente, gera conflitos por terras, criminalização de nossas lideranças desemprego e muitas vezes exploração da mão de obra, sem contar que seca nossos rios, afeta a vida de espécies marinhas devido ao lançamento exagerado de agrotóxicos nos rios e mares (...)

Dandara Pataxó, respostas de perguntas enviadas por email em 27 de março de 2019. Residente na Aldeia Gurita.

Em 2014 indígenas fecharam a BR 101 em protesto contra a Veracel, o objetivo do protesto era pressionar a empresa a sair das terras tradicionais indígenas. Um exemplo de organização para o bem de um povo quando se juntam são os indígenas, pois além de ter o protesto acontecendo na mesma oportunidade foi realizado um seminário de conscientização sobre os impactos do eucalipto em comunidades indígenas.

Cerca de 300 indígenas bloquearam a rodovia BR 101 desde o final da tarde de hoje. O protesto tem como objetivo pressionar a empresa Veracel Celulose a sair de terras tradicionais indígenas. Os indígenas participam de um seminário sobre os impactos do eucalipto e da celulose em comunidades indígenas. A monocultura de eucalipto no extremo sul da Bahia afeta a todas as comunidades indígenas Pataxó da região. Aos impactos sobre o meio ambiente, sobre os recursos hídricos e sobre a cultura desse povo, soma-se a utilização, para o plantio de eucalipto, de terras tradicionais indígenas em processo de demarcação. No caso dos Pataxó do Monte Pascoal, parte da terra reivindicada está sob o domínio das empresas Aracruz e Veracel celulose, ambas do mesmo grupo de acionistas do ramo de papel e celulose (CIMI/CONSELHO INDÍGENISTA MISSIONÁRIO).

A Aldeia Nova Esperança está situada no município de Itamaraju que vivem em uma área de 20 hectares cercada com plantações de eucalipto que faz parte do território Barra Velha. Em 2016, os moradores da aldeia Nova Esperança fizeram uma denúncia contra a Veracel por estar tentando expulsar eles do território.

O povo Pataxó constantemente tem seu território ameaçado por invasores, foi assim com os Fazendeiros e hoje enfrenta a empresa de produção de celulose que cada vez mais pretende expandir sua fonte de matéria prima ocupando terras na região. A aldeia Nova Esperança surgiu após a retomada de sua área em março de 2013 que já pertencia a área reivindicada do Território Barra Velha. Entretanto, gerou um problema judicial porque a Veracel Celulose ajuizou ação de Reintegração de Posse, processo nº 000259259.2013.401.3310 onde o Juiz responsável pelo caso manteve a posse do povo Pataxó considerando que a área de fato pertence a área reivindicada que aguarda delimitação. Todavia, um novo juiz que assumiu recentemente o caso ameaça rever a decisão do juiz anterior e reintegrar a posse a empresa Veracel expulsando as 35 famílias Pataxó que lá vivem, que são aproximadamente cerca de 160 pessoas entre homens, mulheres e crianças.

Na Aldeia Craveiro que fica situada a Oeste da aldeia Barra Velha uma moradora também relata problemas enfrentados pela monocultura de eucalipto.

A região onde fica localizada minha aldeia está cercada de grandes plantações de eucalipto, as quais mesmo não sendo plantadas diretamente pela veracel, serão direcionadas a ela. Conheço a região, sei que está completamente tomada por plantio de eucalipto, sei que há conflitos, mas não tenho ligação direta com eles. Não fazem nenhuma consulta, ate porque sabem que não aceitaríamos, por uma questão até ambiental, já que nossa localização é no Parque Nacional do Monte Pascoal, e a plantação se torna uma ameaça a proteção da fauna e flora por aqui.

Tânia Pataxó, resposta das perguntas enviadas por email em 23 de fevereiro de 2019. Residente na aldeia Craveiro.

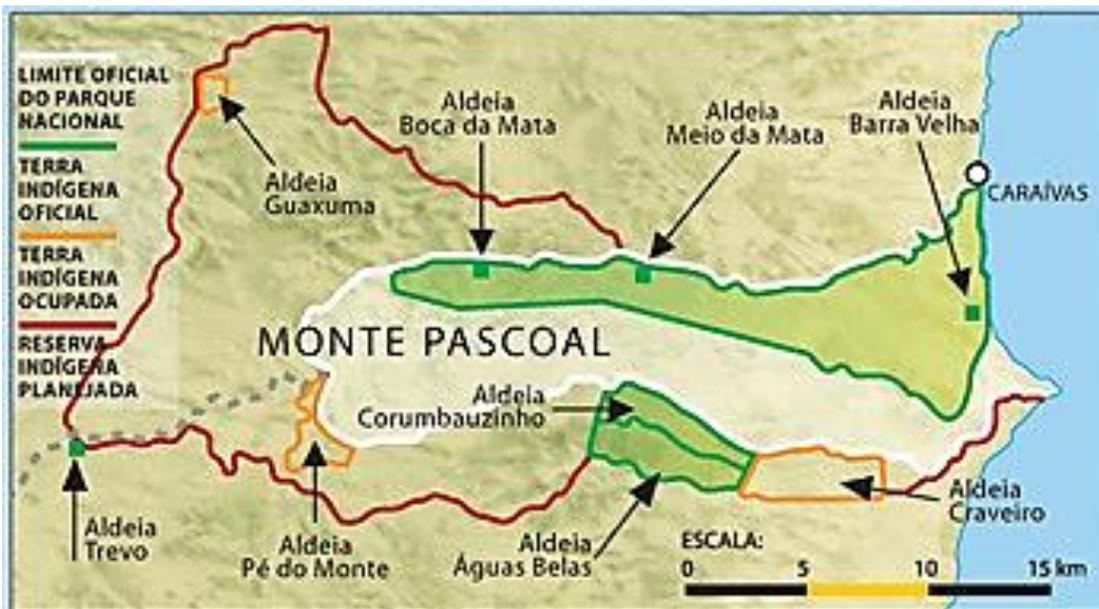
Assim como na aldeia Nova Esperança, a Veracel também entrou na justiça pedindo reintegração de posse contra a aldeia Guaxuma que fica localizada as margens da BR 101 que liga Itamaraju a cidade de Itabela. Na época a Veracel afirmou que iria acatar qualquer ação tomada pela justiça e pelos indígenas, por isso entrou na justiça com ação para pedir reintegração de posse contra os indígenas da Aldeia Guaxuma que se localizam em parte de uma fazenda chamada Água Vermelha alegando que a terra não é oficialmente demarcada e que tem documentos de compra e venda.

O processo tramita na justiça desde 2013, podendo ser acompanhando por qualquer pessoa através do site: www.trf1.jus.br

A ação da empresa é muito contraditória, pois ao mesmo tempo em que dizia que iria acatar qualquer decisão do Povo Pataxó, pede reintegração de posse contra aldeia Nova Esperança e Guaxuma.

De acordo com o resumo relatório de identificação e delimitação da TI Barra Velha com base num levantamento realizado pelo engenheiro agrônomo, Auen Modesto componente do GT, estima que a área de reflorestamento de eucalipto nos limites propostos para revisão da TI Barra Velha chega a 1.645ha. (RESUMO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TI BARRA VELHA).

Figura 14: Em vermelho está a terra indígena reivindicada pelo povo Pataxó



Fonte: <https://www.bahia.ws/parque-nacional-monte-pascoal-na-bahia/>

A voracidade da Veracel não só usurpou as terras indígenas como também a dos trabalhadores do campo que viviam da agricultura familiar. A Veracel se refere ao Povo Pataxó, aos trabalhadores do campo, aos Quilombolas, aos ribeirinhos como um perigo para seus empreendimentos. Tais afirmações vem da ideia de que as terras da empresa são constantemente alvo de ocupações de movimentos sociais. A verdade é que os empreendimentos da empresa causam tamanho prejuízo ambiental e social que são constantemente objetos de luta pelos denominados movimentos sociais.

Somos um empreendimento de base florestal, e, entre outubro e novembro de 2011, tivemos 26 mil hectares de terras, destinadas ao plantio de eucaliptos, ocupadas por movimentos sociais. Em função da natureza do nosso negócio e pelo alto grau de risco que as ocupações passaram a representar para a Veracel, podendo provocar forte impacto e até comprometer nossas atividades operacionais, essa situação tornou-se um dos principais temas de interesse para a Empresa ao longo de 2012 (VERACEL, RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE VERACEL CELULOSE 2012).

A riqueza gerada pelo cultivo de florestas plantadas aumenta com números cada vez mais expressivos, o intuito é que cresça mais e mais dando ao Brasil status de país líder nesse setor da economia. Porém, a realidade é que o Brasil vive uma contradição, por um lado a economia cresce nesse setor e por outro o desemprego aumenta.

Apesar dos números fabulosos mencionados neste trabalho, sobre a balança comercial e as exportações da celulose, o setor gera poucos empregos e a riqueza é concentrada na mão de poucos e a maior parte dela vai para o exterior satisfazendo os acionistas. Os “desertos verdes” deixados pela monocultura e todos os demais prejuízos sociais jamais serão recuperados. O prejuízo ambiental e social causado pela monocultura deixa um legado tão ruim que por várias gerações serão sentidos seus efeitos.

“Vieram uma equipe o pessoal da celulose dizendo que iria implementar o eucalipto que iria trazer o progresso, trazer emprego, trazer renda e a cidades iria se evoluir se criar estruturas e com isso a própria sociedade ela abraçou que seria importante aqui no extremo sul por falta da gente não ter nem uma indústria na região. Por conta disso ai tiveram brechas pra eles começarem fazer implementação da empresa com isso também gerou muito conflito, escravidão, varias pessoas morreram também e os movimentos sociais foram pra cima”

Ranieri Botelho, movimento dos trabalhadores sem terra (MST). Entrevista extraída do documentário desertos verdes: plantações de eucalipto, agrotóxico e água.

Algumas autoridades se posicionaram contra e previam o mal que viria a causar tal monocultura, como se pode verificar na fala do ex Vereador do município de Eunapolis

Oswaldo Soares Filho em seu inflamado discurso no plenário da Câmara Municipal de Vereadores que já em 1994 usando a expressão “deserto verde” fazendo um desabafo de quem fala pelas minorias. Contudo a força do poder econômico prevaleceu e 24 anos depois os males continuam a prevalecer.

“Eunapolis será chamada de deserto verde, deserto não gera vida, não gera riqueza e o que nós estamos observando é que a riqueza toda indo embora para o exterior e o nosso povo desempregado.”

Oswaldo Soares Filho, ex-vereador de Eunapolis (1994). Fala extraída do documentário eucalipto no extremo sul da Bahia, publicado em em 31 de julho de 2008.

fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cvVNbJOOZdw&t=288s>

O que fica para a população e em especial para as minorias são a destruição da fauna e da flora, famílias devastadas pela invasão a qualquer custo, violência, pobreza e desolação. Que progresso é esse? Que só traz miséria e violência.

Sem esquecer de mencionar, o êxodo rural que traz consequências ainda mais graves. As famílias saem da zona rural porque perderam o seu pedaço de terra e vão tentar a vida nas cidades e se deparam com a falta de estrutura, a pobreza, a violência e a perda de muitos jovens para a criminalidade.

O jornal Folha de São Paulo visitou três propriedades no sul da Bahia e constatou que há poucos trabalhadores.

Em visita a três propriedades no sul da Bahia, a Folha encontrou poucos trabalhadores. Em uma delas, havia apenas um empregado, que, conforme o proprietário, "olha o terreno". Sobre o caso, Zogbi disse que deveria se tratar de um recorde e que a produtividade deveria ser baixa. Segundo a Suzano, a quem o terreno está vinculado, a produtividade é alta.

As empresas se defendem citando atividades como a pecuária e a soja, que, apontam, empregam menos do que o eucalipto. (FOLHA DE SÃO PAULO, 18 DE JANEIRO DE 2005).

Uma constatação cada vez mais comum é que quem sai da aldeia Barra Velha para ir as cidades mais próximas observa que em épocas de plantio há poucos trabalhadores por hectares da empresa de eucalipto e esse número diminui principalmente em épocas de colheita que só trabalham um maquinário capaz de derrubar inúmeros pés de eucalipto em um dia com emprego gerado para uma única pessoa.

As máquinas utilizadas são de última geração, necessitando, assim, de pouca mão de obra e ao mesmo tempo praticidade e rapidez na colheita.

Figura 15: Maquinário de ultima geração.



Fonte: <https://www.celuloseonline.com.br/sistemas-de-colheita-florestal/>

Desta forma verifica-se que as empresas dizem gerar muitos empregos, mas não explicam que os empregos gerados exigem uma especialização já que grande parte do trabalho é mecanizado e os serviços que exigem mão de obra são muito especializadas, e os poucos serviços braçais tem baixíssima remuneração.

“E os tais empregos são muito poucos, 100 hectares de eucalipto gera um emprego em média. Todo trabalho é praticamente mecanizado enquanto qualquer, atividade da agricultura familiar ou mesmo agricultura empresarial gera mais empregos do que o eucalipto.”

Marcelo Calazan. Entrevista extraída do documentário deserto verde: plantações de eucalipto, agrotóxico e água.

A empresa que explora a monocultura chega ao absurdo de afirmar que quando realiza a expansão das plantações em áreas rurais contribui para que as famílias fiquem nas áreas de plantio e ao mesmo tempo trabalhem nos cultivos de eucalipto, alegando que gera empregos no campo.

A empresa gera apenas 741 postos de trabalho próprios, segundo informações do próprio Plano de Manejo Integrado da Veracel, sendo que ela ocupa uma área de 105.241 hectares (área destinada ao plantio de eucalipto e infraestrutura). Este número é estarrecedor quando se contabiliza a expansão territorial da empresa na região Extremo Sul e o empobrecimento da população, antes eminentemente agrícola para subsistência e com pequenas propriedades rurais.

Somente as culturas de mamão Havaí com 17.028 hectares, café com 14.628 hectares e coco com 11.823 hectares, promoviam 27.750 empregos anuais. A partir do início dos anos 1990 a chegada da monocultura do Eucalipto contribuiu decisivamente para que peões de roça, vaqueiros, tropeiros, pequenos agricultores, bandeiradores de cacau e outras categorias

fossem obrigados a deixarem o campo e se refugiarem nas cidades. (FEDERAÇÃO DE ORGÃOS PARA ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL: FASE. 15 de agosto de 2007).

Os defensores dos desertos verdes se sustentam no argumento de que o eucalipto é um grande contribuinte para o sequestro do gás carbônico como se o eucalipto fosse a solução para os problemas ambientais. A Veracel não é diferente disso, gasta milhões para usar uma máscara e mostrar que são ecologicamente corretos. Mas não admitem que um dos maiores responsáveis pela poluição do ar e do ambiente em geral são as próprias produtoras de celulose. Exemplo disso é a poluição atmosférica causada no processo de fabricação da celulose chamado de processo sulfato ou “Kraft” um dos vilões na fabricação de celulose.

Esse processo tem início com a transformação das toras de madeira em pedaços pequenos e enviados para o cozimento que é feito em um **digestor** onde se utiliza um líquido constituído de soda e sulfeto de sódio. O cozimento é realizado a uma pressão de 10,75 kg/cm² e a uma temperatura de 170°C durante um período que varia entre 3 a 4 horas. Após o cozimento é descarregado no tanque de armazenamento, por diferença de pressão é nesse momento do processo em que os vapores e gases formados são descarregados na atmosfera. Durante esse processo de cozimento da madeira nos **digestores** há formação de um gás de odor desagradável que pode ser sentido pelo olfato humano até mesmo em proporções bem pequenas causando problemas sociais e ambientais. (HASEGAWA, Paulo Tetuia. 1973.)

Os impactos no meio ambiente não param por aí, além disso a empresa trabalha com o uso de agrotóxico que são altamente perigosos, pois são fabricados para matar pragas e provocam sérios problemas de saúde aos seres humanos e ao meio ambiente.

O Brasil se tornou ao longo dos anos um campeão mundial no uso de agrotóxicos que o agronegócio teima em chamar de “defensivos”, que na verdade usando essa nomenclatura simplifica e dá impressão de ser uma coisa boa.

Se o cenário atual já é preocupante imagine daqui a alguns anos, onde a expectativa de aumento das exportações de celulose obviamente provocará um aumento proporcional de uso de agrotóxicos e principalmente dos produtos tóxicos do processo de fabricação da celulose. Vejamos o que diz o dossiê feito pela ABRASCO (associação brasileira de saúde coletiva)

“o uso de agrotóxico vai aumentar de acordo com projeção a partir do aumento da produção para exportação de mercadorias. A projeção para 2020 a 2021 a exportação de celulose pode ter um aumento de 40,6% e o algodão pluma de 68,4%, e com isso cresce também o uso de agrotóxico” (DOSSIÊ ABRASCO UM ALERTA SOBRE OS IMPACTOS DOS AGROTOXICO NA SAÚDE. Capítulo1, página55)

O relatório feito pela ABRACO se confirma com relatório realizado pelo IBA (indústria brasileira de árvores).

De acordo com projeção até 2050 a população mundial deve atingir 9,1 bilhões de pessoas impulsionando assim a demanda por commodities? E conseqüentemente para atender esse número crescente da população serão necessários 250 milhões de hectares adicionais de florestas plantadas no mundo e com isso cresce a aplicação de agrotóxico ou seja para atender uma demanda faz se necessário destruir outra. (IBÁ INDÚTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES, RELATÓRIO 2017. Capítulo 2. Página 16 e 17)

No controle das plantas daninhas são utilizados os herbicidas considerados mais perigosos que comumente são utilizados na agroindústria como o glifosato mais conhecido como roundup que é produzido por uma empresa multinacional chamada de Monsanto. Roundup é o nome comercial do glifosato.

Os agrotóxicos são utilizados especialmente em duas etapas do cultivo é o chamado controle químico por herbicida que é antes de plantar as mudas e seis 6 meses após o plantio, inseticidas no combate a lagarta conhecida como lagarta cachorrinho por ter seu corpo coberto por pêlos amarelos uma praga que desfolha os eucaliptos, formicidas no combate a formigas, fungicidas no combate a fungos.

Com poder de eliminar quaisquer plantas daninhas o glifosato é um dos agrotóxicos mais utilizados no Brasil, estudos relacionam o uso do glifosato com o aparecimento de uma série de doenças.

Doenças respiratórias: as mesmas pesquisas com 65 mil pessoas na Argentina descobriram médias mais elevadas de doenças respiratórias crônicas.

Problemas na gravidez (infertilidade, morte fetal, aborto espontâneo): o glifosato é tóxico para as células da placenta, o que, segundo os cientistas, explicaria os problemas na gravidez de trabalhadoras agrícolas expostas ao herbicida.

Defeitos de nascença: o Roundup e o glifosato podem alterar a vitamina A (ácido retinoico), uma via de comunicação celular crucial para o desenvolvimento normal do feto. Os bebês cujas mães viviam em um rádio de 1 km em relação a campos com glifosato tiveram mais que o dobro de possibilidade de ter defeitos de nascença segundo um estudo paraguaio. Os defeitos congênitos se quadruplicaram na década seguinte a que os cultivos

com Roundup chegaram ao Chaco, uma província da Argentina na qual o glifosato é utilizado entre 8 e 10 vezes mais por acre do que nos EUA. Um estudo em uma família agricultora nos EUA documentou elevados níveis de glifosato e defeitos de nascença em crianças, tais como ânus não perfurados, deficiências no crescimento hormonal, hipospádias (relacionada à normalidade da abertura urinária), defeitos no coração e micropênis. (AGROTÓXICO MATA CAMPANHA PRMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICO E PELA VIDA).

O glifosato foi usado apenas como exemplo para tamanhos impactos ao ser humano, mas de modo geral os agrotóxicos usados em qualquer monocultura agrícola acarretam em vários impactos para o meio ambiente contaminação do solo e da água. A Veracel como adepta dos chamados defensivos agrícolas também utiliza em larga escala o glifosato em suas áreas de plantio, sejam próprias ou arrendadas. Porém surgiram denúncias que noticiam problemas causados pelo uso dos agrotóxicos.

Não faltam denúncias contra a Veracel no extremo sul da Bahia, devido aos seus impactos sociais, ambientais e econômicos. Exemplo disso é a situação no Embaré (distrito rural de Eunápolis), onde os moradores denunciam a empresa multinacional por estar usando em grandes quantidades os agentes químicos: glifosato, Round Up e Mirex em seus plantios, contaminando rios, nascentes e afluentes, provocando impactos irreversíveis para o meio ambiente e para saúde humana. Durante as chuvas, os compostos químicos caem no lençol freático e os animais e seres humanos ficam vulneráveis à contaminação causada pelos agrotóxicos. Há denúncias, também, de que o rio Santa Cruz está agonizando e morrendo, sobrevivendo em raríssimos trechos, onde ainda existe água em barragens ilegais utilizadas para irrigar os plantios de eucaliptos. (DESACATO, INFORMAÇÃO POR RAMON RAFAELLO).

Em 2017, o (MPE) ministério público estadual denunciou a empresa veracel celulose por crime ambiental na região de Eunapolis. A ação foi encaminhada após o recebimento de parecer do Ibama que constatou o uso irregular do herbicida scout-na, cujo princípio ativo é o glifosato, em 31,6 hectares de área de reflorestamento mantida pela empresa em cumprimento ao Termo de Ajustamento de Conduta firmado com o (CRA)Centro de Recursos Ambientais. (UOL A TARDE)

O uso desses produtos nos cultivos de eucalipto são problemas recorrentes vividos pelo povo Pataxó que vivem rodeados pela monocultura de eucalipto.

Os impactos mais visíveis podem ser sentidos por quem mora próximo as áreas de cultivo e sobre os rios, os solos e ar. Por exemplo, pelos moradores das aldeias que

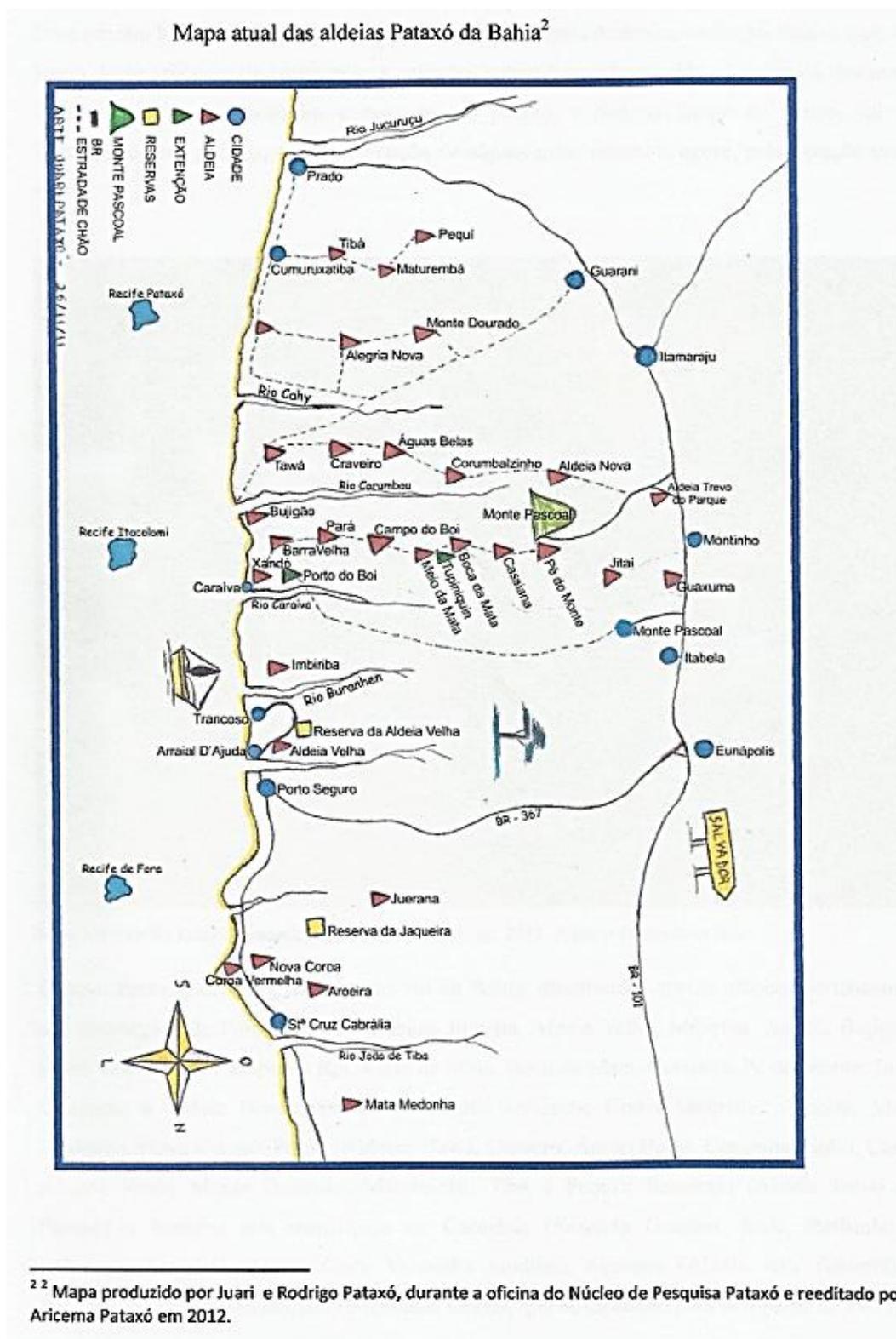
estão no território de Cumuruxatiba, quais sejam, Gurita, Guaxuma, Craveiro, Nova Esperança, etc. Os rios são grandes corredores ecológicos que deságuam em outros rios e depois deságuam no mar. A partir do momento que o produto químico entra em contato com a água tem o poder de contaminar toda e qualquer forma de vida presente nesses ecossistemas.

“A gente vive da caça, da pesca, do próprio rio mesmo pra tomar banho e como que nossas crianças vão usar, se as águas hoje já não são as mesmas, porque com certeza quando você tem a plantação, você vai jogar um veneno ali para matar outras coisas pra que ele cresça saudável mas tudo isso ai vai cair no rio e como que a gente vai poder utilizar a água então a nossa grande preocupação é isso”

Sharlys Pataxó, vice-cacique da Aldeia Barra Velha entrevista feita em junho de 2018.

O território de Barra velha é cortado por várias fontes fluviais. Os córregos e rios como é o caso do rio Caraíva, rio Corumbau, e rio Cahy município de Prado que deságua no mar. Essa riqueza natural desperta a cobiça das multinacionais a várias décadas e a Veracel é uma delas que infelizmente vem concretizando sua exploração lesando todo este ambiente.

Figura 16: Mapa dos Rios que cortam o Território Pataxó



Fonte: Mapa das aldeias Pataxó. Arte: Juari Pataxó, 2019

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>

Uma das pragas mais comuns no Brasil são as formigas que infestam principalmente as plantações de eucalipto e para tentar controlá-las são usados os formicidas.

Os formicidas usados nas plantações de eucalipto podem contaminar até mesmo os oceanos. Um artigo feito pela doutora em oceanografia Juliana Lenel, intitulado “A formiga e o mar” demonstra isso claramente.

Para responder esta pergunta os pesquisadores do Laboratório de Oceanografia Química da UFSC trabalham em colaboração com outras instituições nacionais e internacionais realizando análises de amostras ambientais e experimentos laboratoriais.

O mesmo estudo também avaliou a ocorrência de PFASs em águas superficiais da Baía de Todos os Santos (Bahia), onde se constatou a presença de um perfil de PFASs que corresponde ao uso da Sulfluramida. Mas a pergunta ainda não está respondida, pois os estudos que sugerem a degradação do EtFOSA para o PFOS realizaram apenas análises em solos e/ou água e nenhum deles estudou a degradação a partir das iscas formicidas. A partir disso, foi elaborado um experimento para estudar a degradação do EtFOSA a partir da substância pura e também da isca formicida em solo com e sem a presença de cenouras (vegetal fácil de cultivar em laboratório, de crescimento rápido e usada na alimentação humana). Os resultados³ constataram a degradação de EtFOSA para PFOS em uma taxa mais alta do que anteriormente reportada, especialmente no caso das iscas. Para complementar, análises para determinar a composição e concentração de todos os compostos perfluorados nas iscas estão sendo realizadas. Concomitantemente, dados gerados a partir da análise de amostras (água fluvial, marinha e subterrânea, solo, folha e sedimento) da região de Caravelas e Alcobaça⁴ (extremo sul da Bahia) estão auxiliando a entender como pode ocorrer o transporte da sulfluramida e seus produtos de degradação desde a região de aplicação até a costa. (JULIANA LEONEL, DOCENTE E ATUAL SUBCOORDENADORA DO CURSO E GRADUAÇÃO EM OCEANOGRAFIA(CFM/UFSC)

A empresa Veracel escoia sua produção pelo mar. A maior parte de sua produção é voltada para exportação. O uso desses formicidas podem sim gerar impactos conforme o estudo acima mencionado. Porque as análises estão sendo realizadas no extremo sul da Bahia.

“Nossa fauna e flora vêm sendo alvo da grande destruição causada por essa praga que Infelizmente vem crescendo em nossa região. Não existem estudos que comprovem se há impacto direto nas espécies marinhas. Mas em meu convívio com várias lideranças nas comunidades que fazem parte da Resex Corumbau há vários relatos que os rios e mangues por consequência do lançamento de agrotóxicos nessas áreas resultam no adoecimento e morte de várias espécies.”

Dandara Pataxó, respostas de perguntas enviadas por email em 27 de março de 2019. Residente na Aldeia Gurita.

Na mesma denúncia feita pelos indígenas da aldeia Nova Esperança é citado o uso de agrotóxico jogado nas plantações de eucalipto através de um avião buscando combater uma lagarta praga que é comum nesses cultivos.

As aplicações aéreas são mais efetivas do ponto de vista da Veracel, pois abrange uma área bem extensa e com menor custo por hectare. O problema é que os moradores próximos as áreas de aplicação não são avisados com antecedência do dia e hora das aplicações e nem de que produtos estão sendo aplicados e quais os males que podem causar. Essa ausência de cuidado por parte da Veracel leva sérios problemas e preocupações para os moradores que afirmam que os produtos causaram diversas doenças, principalmente nas crianças, como coceiras e problemas respiratórios. A relatos de denúncias que a empresa só tem trazido desgraça e que *as promessas feitas por ela são um mito*. Alguns indígenas chegam a comparar a Veracel com o Álvares Cabral, o primeiro Português a entrar no Brasil e iniciar a era da dominação colonial. Ao fazerem tal comparação dizem que o Cabral tinha o mesmo objetivo que a Veracel, expulsar os povos indígenas de seus territórios e explorar as riquezas do Brasil. Vejamos o absurdo da quantidade de litros de agrotóxicos usados somente no ano de 2014 pela Veracel.

Cerca de 52.857.000 litros de DIPEL (*bacillus thuringiensis*) em 2014. Além do DIPEL, actara, evidence, e tiametoxam são inseticidas do grupo químico neonicotinoid, derivados da nicotina, sendo que o tiametoxam contém neonicotinoid e piretróid juntos. Foram cerca de 43.165.100 litros aplicados. A soma desses em 2014, junto com o DIPEL, totaliza cerca de 96.022.100 litros. Apenas para combate da lagarta parda. (DESERTOS VERDES: PLANTAÇÕES DE EUCALIPTO, AGROTÓXICO E ÁGUA. PUBLICADO EM 18 DE SETEMBRO DE 2017).

No próprio relatório feito pela Veracel a empresa admite que há impactos sobre o ambiente, mas apesar de admitir os danos causados ao meio ambiente, ao mesmo tempo, tenta nos convencer que a situação está controlada. A verdade é que na prática se percebe outra coisa, que os danos ambientais e humanos causados estão cada vez maiores e mais evidentes.

Pelo princípio de Manejo Florestal Sustentável adotado pela Veracel, monitoramentos da qualidade da água, do solo e de microbacias são fundamentais para avaliação contínua da interação entre as atividades de manejo das plantações e o meio ambiente. Entre os riscos identificados nas operações florestais, estão alterações químicas, físicas e microbiológicas do solo por vazamentos de óleos e outros fluidos das máquinas e implementos, produtos químicos diversos e descarte de resíduos, entre outros. O

monitoramento edáfico/hídrico é realizado anualmente com o objetivo de acompanhar o padrão de água e identificar possíveis contaminações dos mananciais por produtos utilizados no controle de plantas daninhas e formigas cortadeiras no manejo florestal. (RELATÓRIO SUSTENTABILIDADE. VERACEL. 2016, ANO BASE 2015. PÁGINA 80).

O povo Pataxó desde muito antes da colonização mantinha uma relação muito bonita com as águas, tanto que quando se fala do hábito de tomar banho se associa que os indígenas que ensinaram os invasores a ter tal hábito. Não só usam a água para banho, mas também como meio de sobrevivência de onde eles tiravam os peixes, caças e principalmente os rituais do povo Pataxó. Porque a relação do povo com a terra, a água e o ar não é somente material mas predominantemente espiritual.

Maria d'ajuda Graciano Alves, minha mãe, em conversas informais comenta como era a vida quando morava com familiares nas matas.

Os indígenas que viviam nos centros da mata como conta minha mãe viviam basicamente da pesca e da caça. A pesca era feita com armadilhas produzidas por eles mesmo com linha de tucum e amarrava no anzol feito de madeira e iam pescar, as armadilhas eram o suru, jiquiá, Caju. As mulheres faziam tipo um angu grosso e amassava em forma de bola e colocavam grudados a um cipó dentro do jiquiá. Dava gosto passar a noite nos rios pescando e caçando, e chegar em casa meia noite trazendo peixes ou caças para as mulheres cozinhar e depois chamar as crianças para comer.

“..De dia também iam caçar . ai quando matavam uma caça que chamava coça, vinham com a coça de lá, era tio Hélio, tio nivardo, pai, vovô não ia não porque ele já era mais de idade não aguentava só esses daí, ele ia assim no rio vê surú, pescar mas ficar correndo no mato, não. Quando chegava lá com essa caça era uma festa , a casa de vovó era tudo cheia de buraco, era de barro. Ai as mulheres iam cuidar nessa caça, cozinhavam e todo mundo ia comer .As vezes quando não arranja de dia, ai de noite era o jeito ir para o mato esperar o macuco pra matar” (Maria D'ajuda Graciano Alves, entrevista dia 07 de março 2019)

Infelizmente esse é um hábito que não se pode ter nos dias de hoje porque as águas não são as mesmas. A pressão pela apropriação das riquezas naturais dos povos indígenas levou a uma ganância tamanha que as empresas como a Veracel poluem todo o ambiente para auferir o lucro de sua atividade.

A empresa Veracel Celulose não foi construída estrategicamente no sul da Bahia por acaso.

“Ele(eucalipto) tem a propriedade de se adaptar a diversos climas, altitudes, formas geográficas ou seja é bastante flexível, mas não é em qualquer lugar geográfico que você vai conseguir instalar uma fabrica de celulose, o requisito geográfico pra você ter uma fabrica de celulose é outra esta basicamente determinado pela disponibilidade de água, de água fresca, de água doce e também de vias de navegação.”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1YXuOaC3Po0&t=912s>

A produção de celulose demanda uma quantidade de água muito significativa, segundo o instituto Arakatu são necessários 10 litros de água para produzir uma folha de papel e de cada 1 quilo de papel são necessários 540 litros de água consumindo.

Se são necessários 10 litros de água para produzir uma única folha de papel, por ano a Veracel usa basicamente para sua produção de 1,1 milhões de toneladas de celulose por volta de 10.000.000 bilhões de litros de água que não voltam para os rios da mesma forma que saiu. A Veracel usa água do rio Jequitinhonha e já recebe denúncias por parte de moradores que preferem não se identificar, mas mostram através de mapas, vídeos e fotos que a empresa está jogando água poluída no rio e provocando mau cheiro e doenças decorrentes do consumo da água.

A reportagem do Futucando foi procurada por moradores ribeirinhos que preferiram não se identificar, pedindo para que as autoridades fossem alertadas sobre vazamentos de águas contaminadas, que segundo eles, estariam há quase 7 anos destruindo o meio ambiente e jogando água suja no Rio Jequitinhonha, contrariando o que diz a Veracel, sobre captar e devolver a água para o Rio Jequitinhonha com um tratamento rigoroso de qualidade sob a supervisão do INEMA. A Reportagem foi levada até um local de florestas, a alguns metros do leito do rio, onde os denunciante, disseram que muitos agricultores estão perdendo o medo de mostrar os maus feitos da empresa Veracel, pois vivem um inferno com a destruição de suas casas e lavouras, e um crime como esse, mostrando o descaso da empresa multinacional contra a vida de famílias e crianças que tomam banho, cozinham e bebem dessa água, precisa ser investigado e punido. “Há uma estação de tratamento mais à frente, mas este local aqui, onde jorra esta água suja vem de vários vazamentos de tempos atrás, formando uma lagoa, local com terrível mal cheiro, a água vai direto pro rio e acaba com a saúde da gente”, informou um dos ribeirinhos que consome da água do rio. Podem conferir a reportagem no: <https://www.futucandonoticias.com/?p=8061>

Há muitos estudos que contestam tudo que dizem sobre a monocultura do eucalipto sobre o esgotamento dos recursos hídricos, deterioração do solo estejam ligados à monocultura de eucalipto. Alegando que eucalipto consome a mesma quantidade ou até menos água que outras árvores nativas e ainda contribui para o sequestro do gás carbono. Porém a maioria dos estudos realizados são feitos por instituições que são patrocinadas por empresas plantadoras de eucalipto que em seus estudos colocam a mata nativa como vilã, quando diz que a mata atlântica e a Amazônia

demandam uma quantidade maior de água e a monocultura do eucalipto contribui de forma positiva para o crescimento econômico.

De acordo com estudos da Embrapa o consumo de água está ligado a produção de biomassa, o que é o caso do eucalipto que demanda uma produção exorbitante de madeira em um período curto de tempo.

Dados referentes a taxas de transpiração diária para diferentes espécies de eucaliptos em diversas regiões do mundo mostram variações estacionais desde 0,2 a 7,7 mm/dia, o que corresponderia para plantios com área de 6 m²/planta, valores diários oscilando entre 1,2 e 46,2 litros de água/árvore.

Analisando-se o consumo arbóreo diário de água, pela capacidade do solo em armazená-la, e admitindo-se um exemplo para solos florestais com 1 metro de profundidade e no máximo um volume de 5% de água disponível, implica para o espaçamento de 3 x 2 m entre árvores, que as raízes estariam ocupando um volume de 6 m³ de solo, o qual teria no máximo 0,3 m³ ou 300 LITROS de água disponível, sendo este o seu limite de consumo diário. Somente em casos específicos, quando o lençol freático está próximo à superfície e a água sobe por capilaridade em direção às raízes ou estas descem ficando em contato com o nível de água do solo, o consumo não dependeria do volume de água disponível que o solo armazena, ficando governado pela fisiologia da árvore e pelas condições climáticas favoráveis à fotossíntese.

Fonte:

http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/eucalipto/arvore/CONTAG01_63_2572006132316.html

Por volta dos anos 1990 a 2001, no verão, quando eu andava da aldeia até o vilarejo de Caraíva para vender massaká (colares) com minha mãe, lembro-me que as lagoas no decorrer do caminho mesmo sendo no período mais quente do ano estavam sempre cheias, com águas cristalinas. Assim em trechos do caminho para que chegássemos mais cedo na ida ou na volta, era necessário que minha mãe colocasse a bolsa de massaká na cabeça e me puxasse pelo braço para eu não me afogar. Em outras idas e vindas eu ficava ansiosa para chegar logo nas lagoas e ficava implorando para minha mãe me deixar tomar banho de lagoa, quando ela deixava tentava aproveitar ao máximo aqueles momentos eram como se fossem à recompensa de ter andado o dia inteiro. Ainda me lembro que ela e suas companheiras iam andando e eu ficava mergulhando e quando elas já estavam a certa distância eu corria para alcançá-las. Também já ficava ansiosa para chegar à próxima lagoa. Tempos bons que não voltam e são quase certos que meus filhos não terão momentos como esses de aproveitar as lagoas porque hoje só enche nos períodos chuvosos e em poucas semanas já estão completamente secas. Esse é um dos impactos que o povo Pataxó vem sentindo ano após ano, e trás muita preocupação porque a água pode se dizer é um dos bens mais

preciosos da humanidade. O povo Pataxó a certos anos atrás tinham água em abundancia, sendo utilizada principalmente a água das lagoas que temos na aldeia para lazer e utilidades domesticas.

O que temos é uma serie de constatações depois que a monocultura se instalou na região, indo contra tudo que a empresa afirma. Entre as inúmeras irregularidades está a derrubada indiscriminada de matas nas cabeceiras de nascentes como afirma Joel Braz grande defensor das terras indígenas e que conhece o território Barra Velha como a palma de sua mão.

“... A veracel hoje eu acho que deve ocupar mais do terço da área, tanto na daqui de Barra Velha e quanto na área cahy pequi lá em Cumuruxatiba, a Veracel já ocupa mais da metade da área com plantio de eucalipto, então se fosse fazer uma pesquisa, é minha Jokana (mulher) sempre fala que só esta faltando eles plantar dentro do rio e do mar, porque eles estão plantando na beira das falésias, é, tirando as pontas de mata que ainda existe e substituindo as pontas de mata com o eucalipto na beira dos rios, dos córregos, das nascentes...”

Joel Braz

Entrevista extraída do documentário deserto verde, agrotóxico e água produzida pelo CEPEDES- centro de pesquisa para o desenvolvimento do extremo sul da Bahia.

<https://www.youtube.com/watch?v=1YXuOaC3Po0&t=476s>

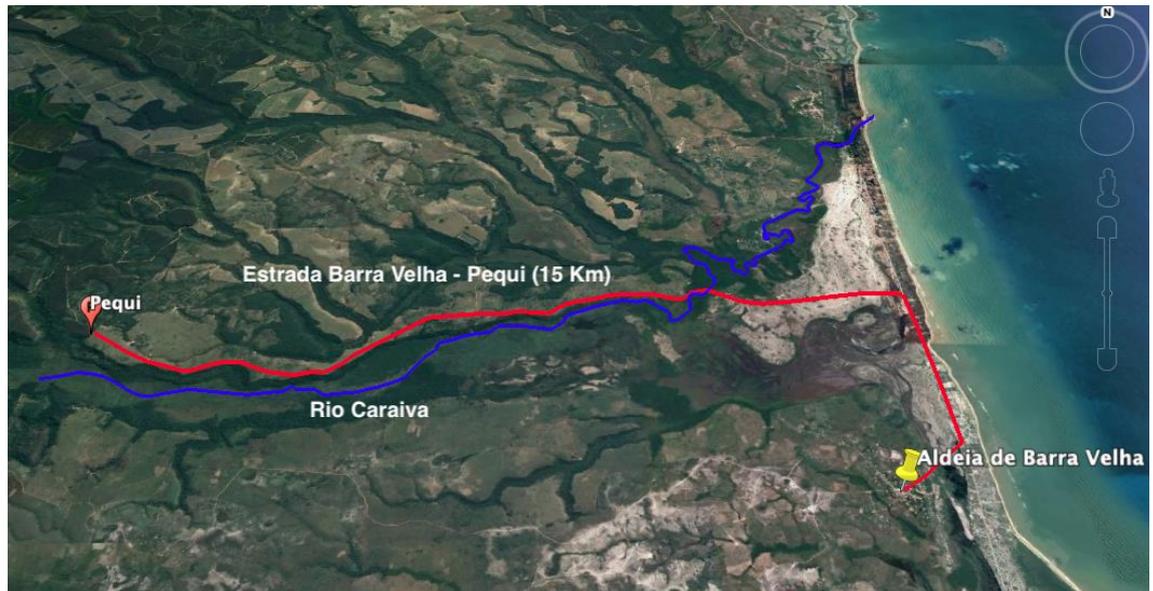
Por estar cercada por monoculturas de eucalipto a aldeia Craveiro também já percebe os impactos causados pelo cultivo de eucalipto.

Um das mudanças mais notadas são as faltas dos períodos de chuva na época certa e o desaparecimento de certas espécies, além da diminuição e poluição das águas dos rios. Sem dúvida alguma, além de mudanças no nível das águas, o desaparecimento de alguns peixes e secas definitivas de lagoas.

Tânia Pataxó, resposta das perguntas enviadas por email em 23 de fevereiro de 2019. Residente na aldeia Craveiro.

Como o consumo de água pelo eucalipto demanda grande quantidade de água disponível no solo, o território Pataxó é um tesouro, já que existem inúmeras nascentes, lagos e rios. No caso da aldeia Barra Velha a monocultura de eucalipto inicia-se no local (mapa abaixo) denominado Pequi. Porém como se observa no mapa a proximidade com a aldeia Barra Velha que é território demarcado demonstra o avanço dessa monocultura que pode provocar danos que atingem a aldeia Barra Velha.

Figura 17: Mapa mostra a distância que fica a Aldeia Barra Velha do início da monocultura de eucalipto e o Rio Caraíva.



FONTE: Google Earth

O fato da monocultura do eucalipto seguir praticamente o curso dos rios já é possível perceber seus impactos no nível de desaparecimento dos rios, lagos e nascentes. A qualidade da água que sobra já está contaminada com agrotóxicos e o assoreamento dos rios sendo perceptível não só na aldeia Barra Velha, mas em comunidades vizinhas.

O rio Caraíva e o Corumbau são os únicos navegáveis, pois os outros sofrem assoreamento, causado pelo desmatamento da mata dos brejos e das baixadas. Além do assoreamento e do desmatamento das margens e nascentes, os rios e córregos sofrem com a poluição por agrotóxico das fazendas. Os Pataxó percebem que uma das principais atividades que torna os rios mais poluídos e assoreados é o plantio de eucalipto em uma grande área próxima as aldeias Guaxuma e Boca da Mata, impactando o rio Cemitério e o Caraíva. Todos esses problemas são considerados prioritários para todas as aldeias, e seus moradores buscam soluções práticas, como o reflorestamento das nascentes, proibição do eucalipto na Terra Indígena e em seu entorno e a proibição de desmatamento na beira dos rios. Apesar da percepção geral de que os peixes diminuíram após os desmatamentos e diminuição da vazão dos rios, a pesca é ainda realizada em diversos pontos de pesca ou pesqueiros ao longo dos rios Caraíva, Corumbau e Jibura. Os principais peixes capturados nestes locais são o robalo, jundiá, tainha, marabá, piaba, traíras e corrós. Os peixes dos

rios servem para o consumo da família.
(Aragwaksa_PlanoGestao_Pataxo.pdf)

Na minha infância gostava muito de ir a casa dos compadres de meus pais que são nossos vizinhos, brincar com as filhas deles que tinham a mesma idade que eu. Assim passamos basicamente nossas infâncias tomando banho de cacimba e fazendo as atividades domésticas como lavar prato em uma cacimba (buraco aberto no chão onde mina água o suficiente para encher e se tornar uma cacimba, algumas pessoas colocam uma manilha para evitar que a terra desmorone e feche o buraco) e nessa cacimba não tinha água só dentro da manilha era rodeada por um lago que dava mais ou menos abaixo do joelho, as águas do lago corriam para a lagoa próxima, lembro-me que era muito bom ir nessa cacimba tomar banho e brincar era muito divertido. A cacimba ainda hoje atende muita gente da aldeia quando a bomba quebra e falta água então as pessoas vão para esse lugar lavar, roupa, lavar prato e tomar banho.

Hoje está irreconhecível não existe lago apenas a cacimba que ainda tem água, mas a perguntar que fica é, até quando? Como vocês podem observar nas fotos abaixo.

Figuras 18 e 19: Local onde antes tinha um lago e atualmente secou.



FONTE: Arquivo pessoal da autora.

Tudo leva a crer que isso aconteceu depois que foram plantadas umas 10 mudas de eucalipto próximo a cacimba, mais ou menos, 7 anos atrás, mas não condeno quem fez o plantio porque foram plantadas na intenção de deixar o quintal bonito como eram feitas no início quando o eucalipto chegou no Brasil era usado para fazer ornamentação de fazendas e parques.

Hoje alguns eucaliptos estão cerca de uns trinta metros de altura e outros menores porque foram plantados depois. Na minha pesquisa vi pessoas dizendo que o eucalipto com seis meses de idade quando é cortado sai uma quantidade boa de água de seu tronco. Sendo assim, fiz um experimento cortando um tronco fino de eucalipto que acabou crescendo a partir de um tronco maior de 5 anos porque não tinha por perto pés

de eucalipto de 3 anos e realmente a madeira que foi cortada é perceptível que o tronco é bastante úmido.

Figura 19 e 20: Eucalipto de 5 anos cortado para verificação da umidade do tronco.



FONTE: Arquivo pessoal da autora.

Se 10 pés de eucalipto plantados para fazer ornamentação de um quintal já fez esse estrago, imagine uma monocultura de 1600 por hectare como já foi dito acima. É uma falta de responsabilidade social e principalmente ambiental que está pondo em risco os recursos hídricos indispensáveis à vida.

A Veracel afirma que a monocultura não atinge o solo de forma negativa, e sim traz impactos positivos para o solo o cultivo do eucalipto.

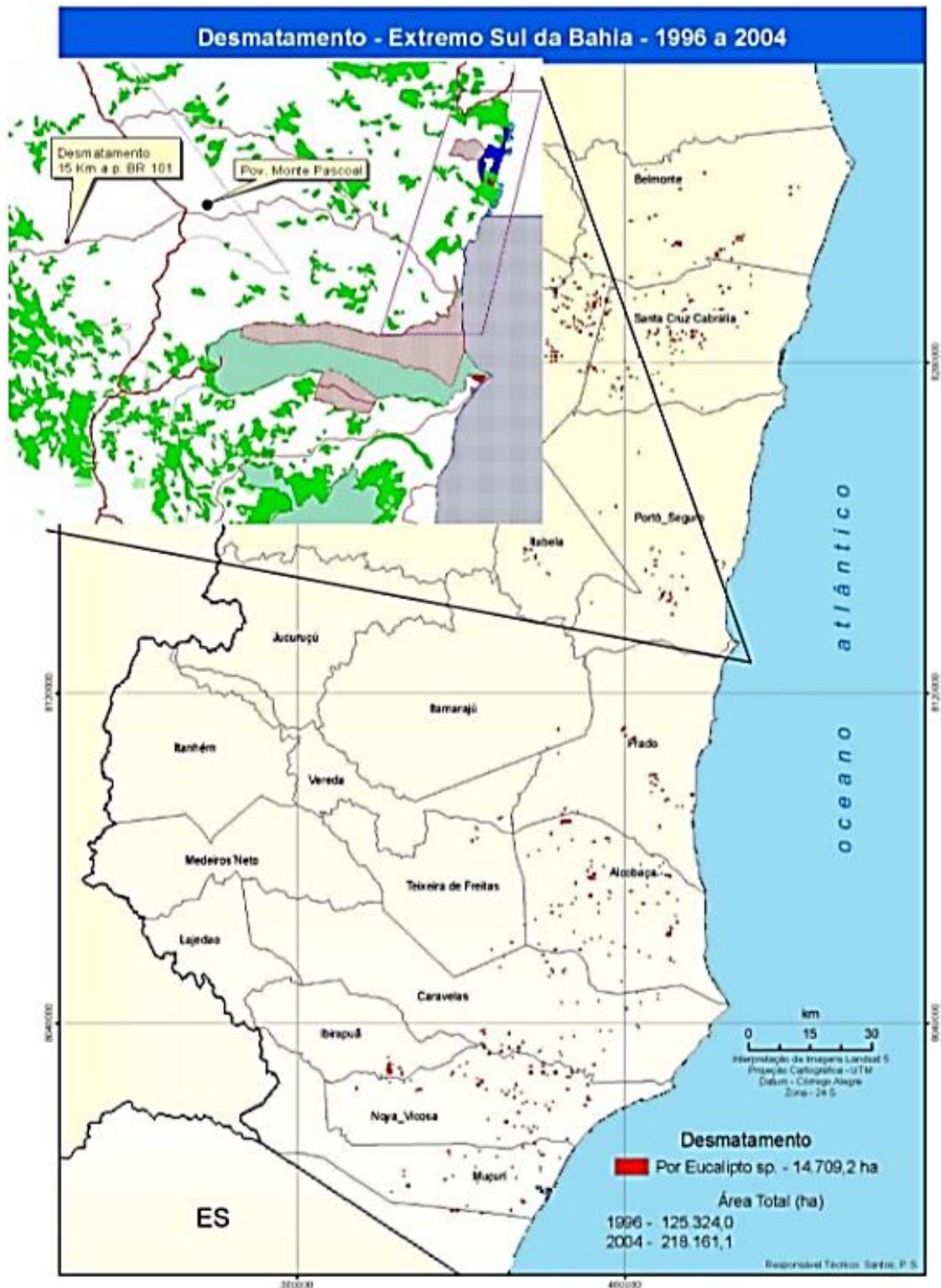
O vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=-ptwbDfMmTo>) apresentado pelo painel florestal tentando nos convencer que o eucalipto é um bom negócio para o meio ambiente é uma verdadeira falácia. Porque o vídeo é propagado como se o eucalipto fosse salvar o mundo, o solo apresentado tem apenas micro e macro flora e algumas minhocas. Tendo em vista a realidade de quem mora próximo ou até mesmo em meio a monocultura, como já foi dito acima o grande culpado pela poluição e destruição do solo são as próprias empresas que aplicam agrotóxicos e acaba contaminado e por fim infértil.

O fato do eucalipto ser plantado em áreas que não eram degradadas como pode se observar no mapa abaixo, parte da mata nativa da Bahia vem sendo degradada ano após ano com a monocultura de eucalipto.

A pressão sobre a Mata Atlântica continuou mesmo com a proibição de plantio em áreas de mata nativa. Proprietários rurais interessados em vender suas terras para a Veracel desmatam suas propriedades e conseguem

fazer negócio. O ônus do desmatamento fica com o proprietário e não com a Veracel. Mesmo com o condicionante das licenças ambientais e o compromisso da empresa de não realizar plantios em áreas de Mata Atlântica a partir de 1994, como determina a legislação vigente, foi constatado que isso aconteceu em algumas áreas, pelo estudo preliminar realizado pela ONG Flora Brasil, na região do Extremo Sul da Bahia. Através de análise de imagens do satélite Landsat 5, essa ONG identificou que, entre 1996 e 2004, ocorreu uma conversão de mata nativa em eucalipto em 14.709 ha, boa parte de responsabilidade da Veracel. (GAMBÁ GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA,, página 20)

Figura 21: Mapa do desmatamento extremo sul da Bahia



Desmatamento no Extremo Sul da Bahia. Em destaque, exemplo de áreas de mata nativa derrubadas para plantio de eucalypto no município de Porto Seguro. Fonte: http://www.gamba.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Veracel-Celulose_estudo-de-caso_final_GAMBA-1.pdf

O desmatamento provocado pela implantação da monocultura foi introduzido com a ideia de que a área era para um projeto de reflorestamento. O que houve na prática foi um desmatamento e ainda pior extraíram madeiras nobres para auferir lucro com o desmatamento para a introdução da monocultura. Assim a empresa lucra com todo o processo antes, durante e após a monocultura ter sido implantada.

“E nós nos deparamos com um grande desmatamento caminhões passando por todo lado cheios de madeiras e madeiras nobres jacarandá, pau darco sempre madeiras nobres e a gente foi procurar saber por que estava saindo tanta madeira que iria acabar a mata foi ai que nós soubemos que tinham para essa região um projeto de que eles chamam de florestamento e reflorestamento e enfim chegamos na modernidade com um projeto elaborado com ajuda do norte global de que essa região teria como vocação plantio de eucalipto”.

(Ivonete Gonçalves. Entrevista extraída do documentário desertos verdes: plantações de eucalipto, agrotóxico e água.)

A Veracel diz que eram área degradadas as terras que hoje estão com o que eles chamam de florestamento e reflorestamento. Mas não se pode crer que o eucalipto substitui uma mata nativa e todo o ecossistema envolvido.

Através de uma simples observação sobre a plantação do Pequi a Monte Pascoal em todo o percurso de plantio não se vê forma de biodiversidade, cenário que não é nem um pouco parecido com o que meu pai via quando passava por essa parte do território. Meu pai conta que quando era jovem e percorria pelo território a pé porque não havia transporte, (Monte Pascoal ao Pequi) a área que hoje é tomada por monocultura de eucalipto era mata virgem, de um lado a outro da estrada estreita era coberta por mata fechada e escura. Era possível andar longas horas por dentro das matas até chegar a alguns pontos que dava para se ver a luz do sol.

Como mostra a foto abaixo, quem viaja pelo território passa parte da viagem olhando uma paisagem monótona e sem vida do lado esquerdo e direito das estradas é composta unicamente por monoculturas de eucalipto, café e pimenta do reino, mamão, etc. Por vezes também, são vistas as madeiras de eucaliptos empilhadas na beira das estradas prontas para serem carregadas deixando em evidencia que não há vestígio da fauna e flora nativa, muito menos de preservação da biodiversidade. Infelizmente essa é uma realidade de muitas estradas brasileiras.

Figura 22: Trecho da estrada entre o povoado Monte Pascoal e Pequi



Foto: Luz Alba

Figura 23: Madeiras empilhadas à beira do caminho



Arquivo pessoal da autora.

A empresa se intitula uma empresa ecologicamente correta e comprometida com o meio ambiente, em 2006 produziu 15,3 milhões de mudas de eucalipto e 493 mil mudas de espécies nativas. Mas o que demonstram esses números é exatamente o contrário. A Veracel se dedica a milhões de mudas de eucalipto e apenas a 493 mil mudas de espécies nativas. A força da monocultura e do lucro exorbitante adquirido através da monocultura de eucalipto passa a impressão de que essas mudas de mata espécies nativas nada mais é do que uma forma de enganar o povo Pataxó, as autoridades, a sociedade e principalmente os órgãos ambientais passando essa imagem de “amigos do meio ambiente”.

Nas aldeias Craveiro e Gurita que ficam ao oeste de Barra Velha e que faz parte do território chay pequi-Cumuruxatiba os impactos também já são visíveis como conta Tânia Pataxó e Dandara Pataxó.

O povo Pataxó agoniza e foi tão bom ler os relatos, pois compartilham das mesmas ideias que eu e ao mesmo fiquei incomodada porque a verdade é que clamamos para sermos vistos e ouvidos.

A plantação de eucalipto em terras indígenas é uma completa invasão que só visa à ganância insaciável e é um triste fenômeno de autodestruição do nosso território. Apesar de nossas terras não serem legalmente demarcadas, essa monocultura gera diversos impactos que modificam o modo de vida das comunidades da região. Direta e Indiretamente ela é atingida.

Dandara Pataxó, respostas de perguntas enviadas por email em 27 de março de 2019. Residente na Aldeia Gurita.

O Parque nacional Monte Pascoal principalmente para nós indígenas que vivemos no entorno deste monumento histórico é revoltante presenciar o parque nacional sendo usurpado por uma árvore que não é nativa da nossa região. A cada dia que passa o eucalipto está invadindo mais e mais áreas, até mesmo as que são consideradas terras indígenas causando um intenso impacto visual que tira toda beleza da região que antes eram florestas densas habitadas por inúmeras espécies.

Figura 24: Monocultura de eucalipto e o Parque Nacional ao fundo



Arquivo pessoal da autora.

“Penso que é inaceitável uma empresa que se diz comprometida com o bem estar social das comunidades tradicionais (indígenas) façam suas plantações em terras que estão sendo reivindicadas por esses povos... não fazem nenhuma consulta, até porque sabem que não aceitaríamos, por uma questão até ambiental, já que nossa localização é no Parque Nacional do Monte Pascoal, e a plantação se torna uma ameaça a proteção da fauna e flora por aqui”.

Tânia Pataxó, resposta das perguntas enviadas por email em 23 de fevereiro de 2019. Residente na aldeia Craveiro.

A Veracel e outras empresas desse ramo são tão audaciosas que chegam a afirmar que as matas nativas que compõem o bioma brasileiro são menos eficientes que o eucalipto. Mas a realidade demonstra que essa eficiência não existe e sim o rastro de degradação ambiental deixada pela monocultura jamais ocorreria mantendo-se a mata nativa sem interferência do homem. A palavra já diz tudo NATIVA. Não há o que contestar, pois as matas nativas abrigam em seu seio uma riqueza inestimável de vida. A mata atlântica e a Amazônia possuem uma das mais ricas e importantes biodiversidades do mundo.

A mata atlântica tem uma importância muito grande para o Brasil mesmo com todas suas limitações em decorrência do desmatamento e impactos que houve desde 1500 ela ainda resiste bravamente.

Hoje ainda abriga mais de 200 mil espécies de plantas, 8 mil dessas espécies são endêmicas não existem em nenhum outro lugar do mundo. No sul da Bahia foram identificadas 454 em um só hectare. 1,6 milhões espécies de animais, incluindo insetos, 261 espécies de mamíferos 73 dele são endêmicas, 620 espécies de aves 181 são endêmicas, 280 espécies de anfíbios 253 são endêmicas, 200 espécies de répteis 60 são endêmicas. Esses números são de acordo com tudo que foi catalogado até hoje.

Fonte: <https://apremavi.org.br/mata-atlantica/biodiversidade/>

Amazônia: não menos importante tendo em seu bioma cerca de 30% de floresta tropical, 600 tipos diferentes de habitat terrestre e de água doce, 45 mil espécies de plantas e vertebrados, 25 mil quilômetros de águas navegáveis, 3 mil espécies de peixes, 427 espécies de mamíferos 137 são endêmicos. A Amazônia tem um panorama verde, tanto no chão quanto no alto, devido as samambaias rasteiras e a copa de árvores anciãs, ar bastante úmido.

Fonte: <https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/fauna-e-flora-amazonica/>

A Veracel ao se apropriar das terras para garantir sua matéria prima ainda age com certa truculência e porque não dizer uma certa ironia também. A empresa coloca placas ao longo de suas propriedades dizendo: Proibido caçar, pescar, criar gado.

A Veracel esquece-se de que na vasta monocultura de eucalipto qual vida poderá prosperar? O gado se não há pastagens, a caça se não há mata nativa necessária a sua existência, a pesca se os lagos e rios estão secando?

Estamos diante de um cenário que vai contra tudo que a empresa Veracel afirma e que os fatos demonstram exatamente o contrário.

Figura 25: placas colocadas pela empresa em suas áreas de plantio



Foto: Luz Alba

A fala da empresa Veracel de que a área foi objeto de um projeto de reflorestamento é totalmente falaciosa porque como uma monocultura pode substituir a mata nativa.

Não existe reflorestamento com o eucalipto, essa expressão reflorestar com eucalipto porque você vai fazer o plantio de uma espécie só e reflorestamento você precisa ter diversidade de plantas pra você poder recuperar a área. O eucalipto infelizmente ele não faz isso porque o fruto do eucalipto é seco, o eucalipto solta uma resina que não deixa nenhuma espécie se desenvolver em baixo dele, quando você for olhar um sub bosque de um plantio de eucalipto você vê que não tem nenhuma regeneração porque ele não deixa que outras espécie cresça debaixo dele.

(Entrevista com Priscila Oliveira, doutora em botânica extraída da reportagem eucalipto-momento ambiental)

<https://www.youtube.com/watch?v=dtWhe3EJ084&t=165s>

Em todos os estudos sobre o pró-eucalipto que li afirmam veementemente que o eucalipto traz ganhos ambientes inclusive melhores que a própria mata nativa. Porém o próprio Diretor da Veracel o senhor; Antonio Sergio Alípio afirma que o eucalipto não tem nenhuma função ambiental.

Pra caminhada eu prefiro a estação ecológica, pra isso aqui (papel) eu prefiro o eucalipto, porque cada um tem o seu papel na sociedade, o eucalipto não tem função ambiental nós precisamos da mata nativa porque elas têm uma função ambiental que inclusive beneficia a própria veracel.

Parte de entrevista extraída do documentário Veracel- Impactos da monocultura do eucalipto na Bahia (<https://www.youtube.com/watch?v=W--L5kijPkU>)

A fala do próprio Diretor Presidente Antonio Sergio Alípio da Veracel dizendo que o Eucalipto não tem uma função ambiental é um absurdo que chama bastante atenção.

A Veracel é uma empresa que está colocando em risco todo bioma do extremo sul da Bahia. A questão relativa as terras indígenas demonstra um despreço da multinacional com relação ao respeito aos povos originários da região onde estabeleceu seu negócio. A sociedade no extremo Sul da Bahia verá a médio e longo prazo os prejuízos e o rastro de destruição deixados por essa monocultura quando não mais for interessante para a empresa a exploração da região.

A Veracel afirma que as terras são altamente produtivas isto porque estão sendo protegidas por indígenas a muitos anos, assim como pelos sem terras e quilombolas. Mas para a empresa o que está em jogo nesta luta judicial (reintegração de posse ajuizadas pela empresa) não é a proteção da mãe terra e sim a sua ganância que parece estar falando mais alto que a voz da mãe terra que agoniza pedindo por socorro.

O povo Pataxó é um povo guerreiro que sempre lutou por seus ideais e princípios e é na luta que se ganha força, experiência, portanto não é qualquer barreira que vai ser capaz de parar um povo lutador como esse. Avante povo Pataxó!

A forma com que a Veracel se refere a nós indígenas é algo que causa incômodo muito grande principalmente pra quem tem severas críticas em relação à empresa. Essa afirmação de que temos uma relação amigável e respeitosa não é bem assim.

A Veracel assim como as demais empresas são muito estratégicas, em minha aldeia não há diálogo com elas, mas a pouco tempo ouvir dizer que ela forneceu alguns computadores para as associações de pescadores que estão dentro da área da Unidade de conservação Resex Corumbau, não sei dizer o certo qual foi o objetivo e interesses por trás de emprego tudo isso, mas fica o questionamento: Será que vale apenas dar créditos confiança a essas empresas que só visam faturar passando por cima de nossa cultura e dos nossos costumes ?!!!

Dandara Pataxó, respostas de perguntas enviadas por email em 27 de março de 2019. Residente na Aldeia Gurita.

Porque na verdade esses kits de material escolar e outros pequenos projetos para as aldeias na verdade são migalhas que não podem compensar ou recuperar o prejuízo causado ao Povo Pataxó.

O momento é de forte reflexão para o nosso Povo para construirmos uma forma efetiva de solução para essa invasão da monocultura antes que passe do nosso território reivindicado para começarem a ocupar nosso território já demarcado. Além de acabarem com o solo e contaminarem a água dos lagos e rios e principalmente os mananciais.

Considerações finais

O presente trabalho me levou ao conhecimento da situação gravíssima em que se encontra o “território Barra Velha” em virtude da pressão pela proximidade da vasta monocultura de eucalipto com a plantação chegando até mesmo a alcançar parte do território reivindicado pelo povo Pataxó.

A situação demonstra-se grave, visto que, a desertificação das áreas de plantação de eucalipto pode gerar graves problemas ao futuro do povo Pataxó que depende de todo o ecossistema prejudicado pela monocultura.

O povo necessita de parte da terra para sua agricultura familiar, dos rios saudáveis para pesca, das nascentes, das florestas que são dizimadas pela monocultura, do lençol freático que garante água potável para as futuras gerações.

Os danos são incalculáveis para a vida e a cultura do povo Pataxó que pode ter sua vida afetada de forma irreversível pelo perverso legado deixado pela empresa Veracel.

A análise e a conclusão que cheguei foi que o território está ameaçado por essa monocultura tanto neste momento e principalmente em longo prazo. Visto que a monocultura cresce para suprir a ganância econômica causando o desmatamento das florestas nativas, êxodo rural e gerando poucos empregos, os mananciais e o lençol freático podem chegar a escassez e a terra pode tornar-se árida infértil, ameaçando a vida animal e humana com o uso de agrotóxico sendo esse o possível legado deixado pela multinacional Veracel.

As comunidades indígenas e não indígenas a partir deste trabalho pode avaliar os rumos que essa monocultura pode levar todo o ecossistema da região Sul da Bahia e principalmente o território indígena Barra Velha.

As futuras gerações precisam de uma ação efetiva agora através de uma conscientização coletiva a respeito dos males causados atualmente e principalmente no futuro.

Os interesses econômicos não podem sobrepor o direito à vida, à dignidade, à terra saudável para várias gerações. Os povos indígenas dos quais o povo Pataxó fazem parte detêm um valor que os interesses econômicos não conhecem e não dão ouvidos. Por exemplo é claro que a Terra ou melhor “A mãe Terra” como dizemos está pedindo “SOCORRO!!”.

Ressalta-se que , por muitas vezes nossas vozes foram silenciadas, mas o meu povo sempre lutou e luta pela demarcação das terras indígenas com o intuito de outros direitos serem conquistados como uma educação diferenciada e aos poucos conquistamos por isso a possibilidade de realizar esta pesquisa e sermos vistos e ouvidos através do olhar indígena. Cabe a nós povos indígenas que temos maior sensibilidade para ouvir esse pedido de socorro lutar por mudanças drásticas com a finalidade de encontrarmos solução entre o velho paradoxo entre o desenvolvimento da nação e a preservação de nossas terras.

O convencimento da sociedade sobre a importância da preservação da natureza tem sido uma luta incansável dos povos indígenas de modo geral e dos ambientalistas que diuturnamente levam a toda sociedade a necessidade de preservação de nosso planeta para que possamos habitá-lo por várias gerações.

A Veracel é uma empresa que passa uma imagem muito correta, mas na realidade o que meu povo constata é totalmente contrário ao que diz os relatórios milimetricamente elaborados pela empresa. O meu senso crítico em relação a empresa aumentou dez vezes mais durante a elaboração desse trabalho, o meu povo agoniza e não podemos continuar aceitando as migalhas e ludíbrios que a empresa oferece para as aldeias indígenas, e aqui deixo uma crítica construtiva as lideranças que representam o povo do Território Barra Velha. Porque a empresa oferece material escolar entre outras coisas que são insignificantes ante o lucro recebido por empresa e as necessidades do povo e da Terra. Além disso, os representantes da empresa ainda afirmam que é uma maravilha.

Dá-se a impressão que estamos trocando nosso território por coisas materiais que jamais irão suprir o buraco de destruição que a empresa esta deixando e o tempo mostrará ainda maiores os danos causados.

O poder econômico ao que parece não entende outro valor exceto o econômico e muitas vezes para lutar contra um adversário é preciso compreender os valores desse adversário. Assim simples manifestações ou indignações em nada levarão a uma solução definitiva da questão. Sendo assim a estratégia da empresa ao que parece é ir

atendendo reivindicações pontuais e fornecendo “migalhas” que perpetuam uma relação viciosa e aparentemente amigável.

O que se conclui é que o povo precisa se organizar e cobrar na Justiça a retirada DA EMPRESA DO NOSSO território, a recuperação ambiental das áreas já degradadas e uma indenização com valor condizente com o dano ambiental causado.

Desta forma, a empresa poderá perceber que o risco da atividade será elevado em virtude da busca concreta do direito lesado do povo Pataxó e reavaliará a exploração econômica de sua atividade na região e, sobretudo no Território Barra Velha.

Referências

A MONOCULTURA DE EUCALIPTO NO BRASIL, Relatório das consequências sócio-ambientais. Publicado em março de 2016. Disponível em:< https://issuu.com/lagnorge/docs/eukalyptusrapport_-_portugisisk>: Acesso em 02 mar. 2019.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA ABRAFE ano base 2009. Cap.1 pág.23. <Disponível em: <https://www.ipef.br/estatisticas/relatorios/anuario-ABRAF-2010-BR.pdf>>. Acessado em 14 fev. 2019.

AGEITEC/ Agência Embrapa de informação e tecnologia. Disponível em:< http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/eucalipto/arvore/CONT000flqrijor02wyiv80kxl_b360sm63g9.html> Acesso em: 30 de abr. 2019.

AGEITEC/ Agência Embrapa de Informação e Tecnologia. Disponível em:< http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agroenergia/arvore/CONT000fj1mqgo802wyiv_802hvm3j1i0kk52.html> Acesso em: 15 de abr.2019.

Agencia Brasil. Setembro de 2018. Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/ibge-brasil-tem-985-milhoes-de-hectares-de-florestas-plantadas>>. Acesso em 30 abr.2019.

AGROTÓXICO MATA: Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida. Disponível em:<<http://contraosagrototoxicos.org/monsanto-25-doencas-que-podem-ser-causadas-pelo-agrotoxico-glifosato/>> .Acesso em: 30 abr. 2019.

Anuário estatístico da ABRAF. Ano base 2009. Disponível em:< <https://www.ipef.br/estatisticas/relatorios/anuario-ABRAF-2010-BR.pdf>> Acesso em: 12 abr.2019

A VERACEL E SUA HISTÓRIA. Disponível em:< <http://www.veracel.com.br/wp-content/uploads/2015/01/Historico-da-Veracel-2012.pdf>>: Acesso em 02 abr. 2019.

DESERTOS VERDES: Plantações de eucalipto, agrotóxicos e água. 18 de setembro de 2017. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=1YXuOaC3Po0>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

DOSSIÊ ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. 2015. Disponível em<https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf>. Acesso em 30 abr.2019.

Caritas brasileira. Janeiro de 2008. Disponível em:< <http://caritas.org.br/monocultura-do-eucalipto-causa-danos-ao-extremo-sul-da-bahia/709>>. Acesso em 30 abr. 2019.

CL FLORESTAS centro de inteligência em florestas. Publicado em 23 de janeiro de 2013. Disponível em:< <http://www.ciflorestas.com.br/conteudo.php?id=8253>>: Acesso em 02 mar. 2019.

CIMI/ conselho indigenista missionário. Relatório 2008. Disponível em:< https://cimi.org.br/pub/relatorio/Relatorio-violencia-contra-povos-indigenas_2008-Cimi.pdf>. Acessado em 30 abr. 2019.

CIMI/ Conselho indigenista missionário. 19 de outubro de 2014. Disponível em<<https://cimi.org.br/category/noticias/arquivo/page/345/>>. Acesso em 11 mar. 2019.

DESERTOS VERDES: Plantações de eucalipto, agrotóxico e água. Publicado em 18 de setembro de 2017, Por Canal Cepedes. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=1YXuOaC3Po0>>: Acesso em 30 abr. 2019.

Departamento de ciências florestais-ESALQ/USP. Disponível em: <<http://www.tume.esalq.usp.br/botanica.htm>>. Acesso em: 15 de fev. de 2019.

DESACATO INFORMAÇÃO por Ramon Rafaello. 19 d julho de 2017. Disponível em:< <http://desacato.info/impactos-da-veracel-celulose-no-extremo-sul-da-bahia/>>. Acessado em 10 abr. 2019.

ECO DEBATES, site de informações, artigos e notícias socioambientais. Disponível em:< <https://www.ecodebate.com.br/2012/08/24/agrotoxicos-e-a-poluicao-das-aguas/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

EMBAPA, publicado em 28 de outubro de 2014. Disponível em:< <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2202824/manejo-do-eucalipto-auxilia-a-regeneracao-de-florestas-nativas>>: Acesso em 30 abr. 2019.

FOELKE, Celso Edmundo Bochetti. Eucalipto no Brasil, história de pioneirismo. VISÃO AGRÍCOLA Nº4. JUL | DEZ 2005. Disponível em: <<https://www.esalq.usp.br/visaoagricola/sites/default/files/va04-florestas-plantadas03.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO, mercado. São Paulo, terça feira, 18 de janeiro de 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1801200532.htm>>. Acessado em: 17 abr.2019.

SDS - Ed. Venâncio III, sala 309-314 CEP 70.393-902 - Brasília-DF Tel: (61) 2106-1650 Fax: (61) 2106-1651 www.cimi.org.br Violência contra os povos indígenas do Brasil- relatório 2008.

GAMBÁ grupo ambientalista da Bahia. setembro de 2009. Disponível em:< http://www.gamba.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Veracel-Celulose_estudo-de-caso_final_GAMBA-1.pdf. > Acessado em: 17 abr. 2019.

GUEDES, Iraia dos Santos. **Pataxó quer o seu território de volta**: o Parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena. 2017. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

HASEGAWA, Paulo Tetuia. Novembro de 1973. Disponível em:< http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/34_1973_poluicao%20ar%20fabricas%20kraft.pdf>. Acessado em 16 abr.2019.

IBÁ indústria de árvores, relatório 2017. Disponível em: <https://iba.org/images/shared/Biblioteca/IBA_RelatorioAnual2017.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

IBÁ indústria brasileira de árvores 2018. Disponível em: <<https://iba.org/datafiles/publicacoes/relatorios/digital-sumarioexecutivo-2018.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

INSTITUTO BIOATLÂNTIA. São Paulo, 29 de março de 2011. Disponível em: <http://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/222/Documentos/2011_Seminario%20PSA/Chris%20Holvorcem.pdf>: Acesso em 02 mar. 2019.

Inventario cultural Pataxó tradições do povo Pataxó do extremo Sul da Bahia. Disponível em: <http://www.mukamukaupataxo.art.br/IMG/pdf/Inventario_Cultural_Pataxo.pdf> Acesso em: 29 abr. 2019.

RELATÓRIO SUSTENTABILIDADE 2018. Ano base 2017. Disponível em: <http://www.abaf.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Relatorio_Veracel_2018_FINAL_V1_.pdf>: Acesso em 02 abr. 2019.

RELATÓRIO SUSTENTABILIDADE 2016 ano base 2015. Página 80. Disponível em: <<http://www.veracel.com.br/wp-content/uploads/2016/09/RS2015.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

RELATÓRIO SUSTENTABILIDADE VERACEL CELULOSE 2012. Disponível em: <<http://www.veracel.com.br/wp-content/uploads/2015/01/Veracel-Relatorio-de-Sustentabilidade-2012.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

RESUMO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TI BARRA VELHA. Publicado em 03 de março de 2008. Disponível em: <<https://webradiobrasilindigena.wordpress.com/2008/03/03/resumo-relatorio-de-identificacao-e-delimitacao-da-ti-barra-velha/>>: Acesso em 29 abr. 2019.

JULIANA LEONAL. 2 de janeiro de 2018. Disponível em:<
<https://noticias.ufsc.br/2018/01/contaminacao-dos-oceanos-por-formicida-e-abordada-em-artigo-de-professora-da-ufsc/#more-173078>>: Acesso em: 30 abr.2019.

JUSBRASIL. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br//topicos/62952237/indios-da-aldeia-guaxuma>>.Acesso em 30 jan. 2019.

MORAES, Ramiéri. Material Revisado do Guia do Eucalipto. Centro Paulista de Estudos Agropecuários. Junho de 2008. Disponível em:
 <<http://www.agrocursos.org.br/pdf/Silvicultura.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

OLIVEIRA, Maria Tatiana Silva; VIEIRA, Vanúzia Bonfim. **A aldeia mãe Barra Velha e as mães da aldeia** = Ie PataxilmamakãArahuna áMakiame ugieplmamakãpupãPataxi. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)– Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

O que a Bahia quer saber. Disponível em:
 <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bahia-e-importante-polo-de-producao-de-celulose/>>. Acesso em 30 jan. 2019.

O que a Bahia quer saber. Disponível em:<
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bahia-esta-em-terceiro-lugar-no-ranking-de-extrema-pobreza/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

PAINEL FLORESTAL, publicado em 10 de dezembro de 2011. Disponível em:<
<https://www.youtube.com/watch?v=-ptwbDfMmTo&t=106s>>: Acesso em 01 mar. 2019.

PAINEL FLORESTAL, publicado em 10 de julho de 2010 por Drumbatera. Disponível em:<
<https://www.youtube.com/watch?v=F1-Yuallyzg>>: Acesso em 02 mai.2019.

Professores indígenas: Povo Pataxó: raízes e vivencias do povo Pataxó nas escolas. SALVADOR:MEC/FBDE/SEC/SUDEB,2005. Disponível

em:<http://www.mukamukaupataxo.art.br/IMG/pdf/Inventario_Cultural_Pataxo.pdf > Acesso em 20 mai. 2019.

REVISTA DO BNDES, RIO DE JANEIRO, V.14, N.235-276, DEZ.2007. Disponível em:< http://www.ciflorestas.com.br/arquivos/doc_impacto_eucalipto_12148.pdf> Acesso em 01 mar. 2019.

SOS mata atlântica 2017. Disponível em:< <https://www.sosma.org.br/106279/desmatamento-da-mata-atlantica-cresce-quase-60-em-um-ano/>> Acesso em 30 abr. 2019.

UOL A TARDE. 13 de agosto de 2007. Disponível em:< <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1268890-ministerio-publico-denuncia-veracel-por-crime-ambiental>>. Acesso em: 30 abr.2019.

VERACEL, publicado em 17 de abril de 2019. Disponível em:< <http://www.veracel.com.br/blog/noticias/relacionamento-com-comunidade-indigena-e-oportunidade-para-construcao-de-uma-agenda-positiva/>>: Acesso em 30 abr. 2019.